

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**JAQUELINE DA SILVA ALVES**

**Adolescência na EJA:  
Desafios e Possibilidades**

**Porto Alegre  
2011**

**JAQUELINE DA SILVA ALVES**

**ADOLESCÊNCIA NA EJA:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Profa. Dra. Míriam Pereira Lemos**

**Porto Alegre  
2011**

## Dedicatória

À querida e grande amiga, Rosa Poloni,  
minha mentora e inspiradora,  
apaixonada por Freire,  
que me incentivou e instigou  
a todo momento,  
fazendo eu acreditar que tudo é processo  
e que o caminho se faz ao caminhar,  
devido à nossa condição de seres  
inacabados e inconclusos que somos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha orientadora Miriam Lemos pela sua dedicação, empenho e sensibilidade para compreender minhas dificuldades e para apostar nas minhas qualidades, acreditando que eu poderia produzir algo significativo.

Aos educadores e educadoras da EJA, coordenação pedagógica e equipe diretiva da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol que acreditaram no meu projeto de pesquisa e assumiram este trabalho como seus: Carla Macedo, Cida Simões, Cláudia Penz, Diego Marona, Karine Quadros, Edianie Bardoni, Lia Wilges, Luciane Andriotti, Marcelo Bastos, Mônica Loss, Patrícia Barbosa, Raquel da Silva, Roberto Kai Hsi Hoo, Rosiara Costa, Sibebe Breyer, Sílvia Ramos e Zinara Mistrello.

Aos educandos e educandas, sujeitos deste processo, e, em especial, aos adolescentes desta escola, que me acolheram, me escutaram e se doaram, mobilizando-se para a realização deste trabalho que, de certa forma, tornou-se seus também.

A todos os meus colegas e amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

A minha mãe, que sempre acreditou em mim, torceu e me apoiou nestas empreitadas, me ajudando, inclusive, na digitação e formatação dos meus trabalhos.

A toda minha família, em geral, que sempre me incentivou e vibrou com as minhas conquistas.

E, finalmente, a minha filha, em plena adolescência, que tem orgulho de mim e das minhas conquistas e que me aguentou, mas não deixou de reclamar a atenção que não pude dar a ela quando da finalização deste trabalho.

## RESUMO

O público cada vez mais jovem na Educação de Jovens e Adultos (Brunel, 2008) tem sido, atualmente, a realidade constante nesta modalidade de ensino. Contudo, dentre estes jovens, tem se destacado o número elevado de adolescentes com idade entre os 15 e 18 anos incompletos. Esta realidade trouxe uma série de desafios aos educadores e educadoras. Alunos “indisciplinados”, “infreqüentes”, “desmotivados” e “drogaditos” são falas recorrentes na escola. Os conflitos entre os diferentes grupos etários, gerados em função do comportamento destes alunos mais jovens, também contribuem para a idéia de que este grupo “não quer nada com nada”. Esta percepção de que os adolescentes na EJA “atrapalham” tornou-se um clichê desta modalidade, dificultando o diálogo e, conseqüentemente, a prática pedagógica. Para tanto, é fundamental conhecer a realidade dos educadores e educandos, suas necessidades e anseios, focando mais especificamente, ainda, na relação que os jovens-adolescentes estabelecem com o saber e com a escola. Neste trabalho, realizado numa escola do município de Porto Alegre, na qual atuo como professora, o processo de pesquisa caminhou junto com as ações, como ocorre num trabalho de pesquisa-ação-participante. Desta forma, apresento a trajetória percorrida na busca por encontrar alguns caminhos para um possível repensar das ações político-pedagógicas capazes de dar conta desta nova configuração nesta modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** EJA; Adolescentes; Indisciplina; Relação com o Saber

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre .....	16
Figura 2: Gráfico da Idade dos Jovens X Adultos .....	34
Figura 3: Gráfico da Juventude no Chapéu .....	35
Figura 4: Alunos das Totalidades Iniciais (Foto 1) .....	36
Figura 5: Alunos das Totalidades Iniciais (Foto 2) .....	36
Figura 6: Turma da Totalidade 4 .....	36
Figura 7: T4 apresentando os trabalhos .....	36
Figura 8: Totalidade 5 produzindo os trabalhos .....	37
Figura 9: Totalidade 5 apresentando os trabalhos .....	37
Figura 10: Material produzido pela T6 .....	37
Figura 11: Turma da Totalidade 6 .....	37
Figura 12: Turma do Ensino Médio .....	37
Figura 13: Material produzido pelo Ensino Médio .....	37
Figura 14: Gráfico da Idade dos alunos da EJA (adolescentes, jovens e adultos)...	38
Figura 15: Primeiro encontro do Grupo Focal .....	47
Figura 16: Quadro da primeira dinâmica do Grupo Focal .....	48
Figura 17: Alunos participando da dinâmica .....	48
Figura 18: Alunos incluindo as respostas .....	48
Figura 19: Aluna incluindo suas tarjetas .....	49
Figura 20: Aluno incluindo suas respostas .....	49
Figura 21: Grupo Focal (2º encontro) .....	50
Figura 22: Discussão sobre o Perfil do Grupo .....	50
Figura 23: Imagem da segunda atividade do 1º encontro .....	53
Figura 24: Quadro categorizado da Aprendizagem Escolar .....	54
Figura 25: Quadro da segunda atividade proposta no 2º encontro .....	55

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tempo sem estudar .....	42
Tabela 2: Série em que parou .....	42
Tabela 3: Série/Ano/Etapa atual .....	42
Tabela 4: O que espera da EJA? .....	43
Tabela 5: Opinião sobre a escola .....	44
Tabela 6: Perguntas que gostariam de fazer aos professores .....	44

# SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>5</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 OS PORQUÊS DESTE TRABALHO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 OS CONTEXTOS</b> .....	<b>15</b>
<b>2.1 Um Pouco da História deste Lugar</b> .....	<b>15</b>
2.1.1 O local .....	15
2.1.2 A comunidade e seu entorno .....	17
2.1.3 A escola e a EJA .....	18
2.1.4 Os alunos da EJA na visão da Escola .....	21
2.1.5 Os(as) educadores(as) da EJA e a prática pedagógica .....	23
2.1.6 O Projeto Político Pedagógico - PPP e o Conselho Escolar .....	24
2.1.7 Pesquisa Sócio-Antropológica, Planejamento e Avaliação .....	24
<b>2.2 De Onde parte a Pesquisa-Ação-Participante</b> .....	<b>29</b>
<b>3 A METODOLOGIA</b> .....	<b>30</b>
<b>4 OS ALUNOS DA EJA</b> .....	<b>33</b>
<b>4.1 A Pesquisa e a Tabulação dos Dados</b> .....	<b>33</b>
4.1.1 Sensibilização .....	35
4.1.2 Principais resultados da Pesquisa .....	38
<b>4.2 Adolescência e "Indisciplinados": O Grupo Focal</b> .....	<b>45</b>
4.2.1 Análise e Discussão sobre o Perfil do Grupo .....	49
4.2.2 Aprendizagens Escolares em 2011 .....	52
4.2.3 Quem eu Sou .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>60</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>63</b>
ANEXO I: QUADRO DO PERFIL DA TURMA T 31 .....	64
ANEXO II: QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA .....	65
ANEXO III: TABULAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPANTE .....	66
ANEXO IV: APRENDIZAGEM ESCOLAR 2011 .....	77
ANEXO V: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	78



## INTRODUÇÃO

Em 2007, iniciei minha prática pedagógica como professora na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Neste mesmo ano, participei de uma seleção para trabalhar com o Laboratório de Aprendizagem da EJA e, embora já tivesse trabalhado anteriormente com políticas públicas voltadas aos jovens e adolescentes, não tinha elementos suficientes para entender como funcionava esta modalidade de ensino. Grande parte da minha prática profissional, antes mesmo de tornar-me professora, era bastante administrativa. Durante o curso de Pedagogia, concluído em 2001, realizei poucos créditos eletivos em EJA, o que se tornou posteriormente um grave problema na minha prática pedagógica. Desta forma, sentia a necessidade de me aprofundar nos estudos de teóricos desta modalidade de ensino.

Um pouco mais apropriada a respeito do funcionamento da EJA, surgiu a oportunidade, no final de 2009, de participar do processo seletivo para realizar esta especialização, ao qual fui contemplada com uma vaga. Desta forma, durante o ano de 2010, pude dialogar com os colegas e professores do curso, realizando trocas significativas de experiências. Desde então, pude aproximar, também, a academia da prática pedagógica da escola em que atuo como professora, realizando um trabalho baseado em ensino e pesquisa, refletindo sistematicamente sobre o meu papel como educadora e contribuindo para que os demais educadores pudessem fazer o mesmo.

A realização deste trabalho de pesquisa, então, é fruto destas discussões e pretende abordar as questões relacionadas aos desafios e possibilidades de uma prática pedagógica que se depara hoje com um número expressivo de adolescentes, apresentando uma nova realidade para a Educação de Jovens e Adultos.

Ao constatar que grande parte destes alunos são jovens-adolescentes, falar, então, sobre o tema Juvenilização é falar de uma realidade constante nestes espaços. É ponto pacífico entre os estudiosos desta temática que cada vez mais “*o número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço*” (Brunel, 2008, p. 9). Sabe-se que a migração dos adolescentes para esta modalidade de ensino tem sua origem nas reprovações excessivas, nos saberes distanciados da cultura desses sujeitos e no fracasso ao quais vêm sendo submetidos ao longo de suas vidas.

No decorrer, então, deste trabalho, passo a descrever os porquês da realização do mesmo e, logo após, contextualizo o espaço em que a escola se situa, contando um pouco da história deste lugar, a partir de dados coletados em 2010.

Assim sendo, iniciei esta pesquisa com o objetivo de compreender qual currículo daria conta desta nova configuração de EJA. Durante o processo, percebi que currículo é tudo: as configurações de tempos e espaços diferenciados, a formação dos profissionais, a relação entre os *sujeitos aprendentes* (Freire) e, em especial, quem são estes sujeitos e como é estabelecido o diálogo entre os saberes e não somente os conhecimentos a serem trabalhados em sala de aula.

Desta forma, relato de onde partiu a necessidade de realizar a pesquisa-participante junto aos alunos e alunas da EJA que, ao longo do processo, foi configurando-se como pesquisa-ação-participante, pelo tipo de característica que foi assumindo, bem como sua metodologia de trabalho.

No capítulo 4 deste trabalho, encontra-se, então, descrito o perfil geral destes alunos a partir da realização desta pesquisa e seus principais resultados. Estes dados evidenciaram as características de um público bastante juvenil devido à quantidade de alunos adolescentes nesta modalidade de ensino.

Assim sendo, investigar e compreender a relação que os jovens adolescentes estabelecem com o saber e com a escola configurou-se como o principal objetivo deste trabalho esperando encontrar subsídios para repensar ações político-pedagógicas que tenham sentido e significado para esta modalidade de ensino. Ainda no capítulo 4, tentando dar conta deste objetivo, descrevo a realização do Grupo Focal com os alunos adolescentes ditos “indisciplinados”.

A fim, então, de aprofundar estas discussões, busquei a Educação Popular como principal referencial teórico, dialogando nas bases do pensamento freireano. Brunel, na discussão sobre a juvenilização da EJA; Sposito, Carrano e Dayrel, sobre juventude(s) e Educação; Arroyo e Gadotti, sobre as políticas educacionais e as práticas pedagógicas; La Taille e Trevisol, sobre indisciplina na escola e, Charlot, sobre fracasso e sucesso escolar e as relações com o saber.

Ao longo do trabalho, as discussões, reflexões e a ressignificação de olhares dos educadores sobre quem são seus alunos e quais são suas demandas; seus relatos sobre a mudança de comportamento dos adolescentes enquanto os encontros aconteciam; o desejo por parte dos alunos de participarem do grupo de discussão e as falas significativas indicaram-nos reflexões importantes.

Ao final do trabalho, apresento, então, como considerações finais, sem a pretensão de esgotar tal discussão, as ações e reflexões, fruto das análises realizadas e da busca de questões importantes abordadas pelos teóricos acerca desta modalidade de ensino.

# 1 OS PORQUÊS DESTE TRABALHO

Desde 2007, então, muitas inquietações povoaram os meus pensamentos na reflexão sobre minha prática, na vivência com os alunos da EJA. Alunos, estes, na sua grande maioria, jovens-adolescentes, com muitas dificuldades de concentração, ansiedade, falta de limites e, aparentemente, um descompromisso total com a sua própria aprendizagem. Muitos estavam ali porque eram obrigados, como no caso dos alunos que têm Bolsa-família<sup>1</sup>. Caso não fossem à aula, o Conselho Tutelar entrava em cena. Tarefa mais difícil ainda era conseguir trabalhar com a idéia de diálogo. Cada aluno, na EJA, tanto jovens, quanto adultos, carrega em si muitas dificuldades que são, na maioria das vezes, de cunho psicológico, no âmbito da afetividade: baixa autoestima, falta de confiança em si mesmos, entre outras. Muitas vezes estas dificuldades estão relacionadas à saúde física, como problemas sérios de visão, por exemplo. O que fazer, então, em sala de aula quando nos deparamos com esta realidade? Como motivá-los? O que os mobilizam? Que conhecimentos fazem sentido para estes jovens? Fazê-los sentirem-se parte do processo de construção de seus próprios conhecimentos constitui-se um desafio para o educador que deseja realizar uma educação libertadora, emancipatória (Freire). É fundamental compreender o seu papel como educador das classes populares, pois é difícil para os alunos assumirem suas condições de sujeitos da produção de seus próprios saberes, até porque muitos e, principalmente, aqueles que já passaram por experiências escolares, vêm

---

<sup>1</sup> O Bolsa Família é um programa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, do Governo Federal, “de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza” (<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>).

sedentos por uma educação tradicional. Uma aula só será aula de verdade quando o quadro estiver cheio.

Em 2010, com o trabalho coletivo<sup>2</sup> de pesquisa para o curso de especialização, realizado também na escola em que atuo no município de Porto Alegre, pude constatar que a grande maioria dos alunos pesquisados compreendia a faixa etária entre os 15 e os 18 anos de idade incompletos, constituindo uma nova configuração para a modalidade de ensino que historicamente atendia alunos trabalhadores com idades superiores a estas. Esta constatação confirmou a realidade vivida hoje na EJA: o crescente número de jovens e, especialmente, o de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido, Brunel (2008, p. 19) nos lembra que *“este fenômeno surge no panorama brasileiro a partir dos anos 90, em uma modalidade de ensino que historicamente era dirigida mais ao público adulto do que ao público jovem”*. Esta mesma autora (ibidem, p. 10) relata que quando iniciou, em 1987, como professora, *“no antigo ensino supletivo, os alunos não eram tão jovens, tinham parado há muito tempo de estudar e o objetivo da maioria era terminar os estudos com vistas a um emprego melhor ou à promoção no seu local de trabalho”*.

Foi possível perceber que, em função desta nova configuração, os professores tinham maiores dificuldades de discutir com os alunos sobre os temas tratados, de abordar determinados conteúdos e de manter a harmonia em sala de aula a fim de proporcionar um ambiente prazeroso e agradável para que houvesse sentido nestes saberes (Charlot, 2000). Assim como as minhas, as queixas dos professores eram sempre as mesmas: alunos “indisciplinados”, “infreqüentes”, “desinteressados”, “desmotivados”, “drogaditos”, entre outras. Falar, por exemplo, sobre o mundo do trabalho tornou-se algo quase que insustentável devido à falta de oportunidades oferecidas a estes jovens, ainda mais por serem adolescentes que dizem não ter perspectivas de qualificação, trabalho e/ou emprego. Embora Lemos (2008, p. 19) nos lembre que em:

---

<sup>2</sup> Trabalho coletivo realizado para o Seminário Integrador do Curso de Especialização com as colegas Patrícia Silva Martins e Sandra Homem da Silva, que concordaram com a socialização parcial de dados obtidos e com sua análise nesta investigação.

Pesquisa nacional realizada pelo Instituto de Cidadania, em 2006, indicou que cerca de 60% dos jovens entrevistados estudavam, mas que 75% estavam trabalhando, em busca de emprego ou desempregados. SPOSITO (2006, [s.p.]) afirma que “[...] apesar da expansão da escola, [os jovens] estão muito mais próximos do mundo do trabalho do que do mundo escolar”.

Esta não foi a realidade encontrada em grande parte dos adolescentes que participaram do grupo focal<sup>3</sup> na escola, pois a maioria não trabalhava.

Percebendo que essa era uma necessidade em função da realidade local e que os estudos tem se focado na questão da(s) juventude(s) como um todo, com poucos recortes referentes ao crescente número de alunos na faixa etária compreendida como adolescentes, optei por trabalhar a questão da Juvenilização da EJA, tema este emergente das pesquisas nesta modalidade (Brunel, Sposito, Carrano, Dayrel, entre outros), focando nos jovens-adolescentes que têm idade entre os 15 e os 18 anos incompletos.

Contudo, investigar e compreender a relação que estes jovens estabelecem com o saber e com a escola configura-se como o principal objetivo deste trabalho que espera encontrar subsídios para repensar ações político-pedagógicas que tenham sentido e significado para esta modalidade de ensino. Charlot (2001, p. 15), em suas pesquisas com jovens de meios populares, questionou o porquê de abordar a questão da relação com o saber, dizendo que:

Ela pode ser colocada quando se constata que certos indivíduos, jovens ou adultos, têm desejo de aprender, enquanto outros não manifestam esse mesmo desejo. Uns parecem sempre dispostos a aprender algo novo, são apaixonados por este ou por aquele tipo de saber, ou, pelo menos, mostram uma certa disponibilidade para aprender. Os outros parecem pouco motivados para aprender, ou para aprender isso ou aquilo, e, às vezes, recusam-se explicitamente a fazê-los.

---

<sup>3</sup> Instrumento de pesquisa utilizado para a coleta de dados qualitativos, através de interações grupais.

## 2 CONTEXTOS

### 2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DESTE LUGAR

Grande parte das informações constantes neste capítulo é fruto dos trabalhos de pesquisa realizados individual e coletivamente, na escola em que atuo, durante o presente curso de especialização no ano de 2010.

#### 2.1.1 O local

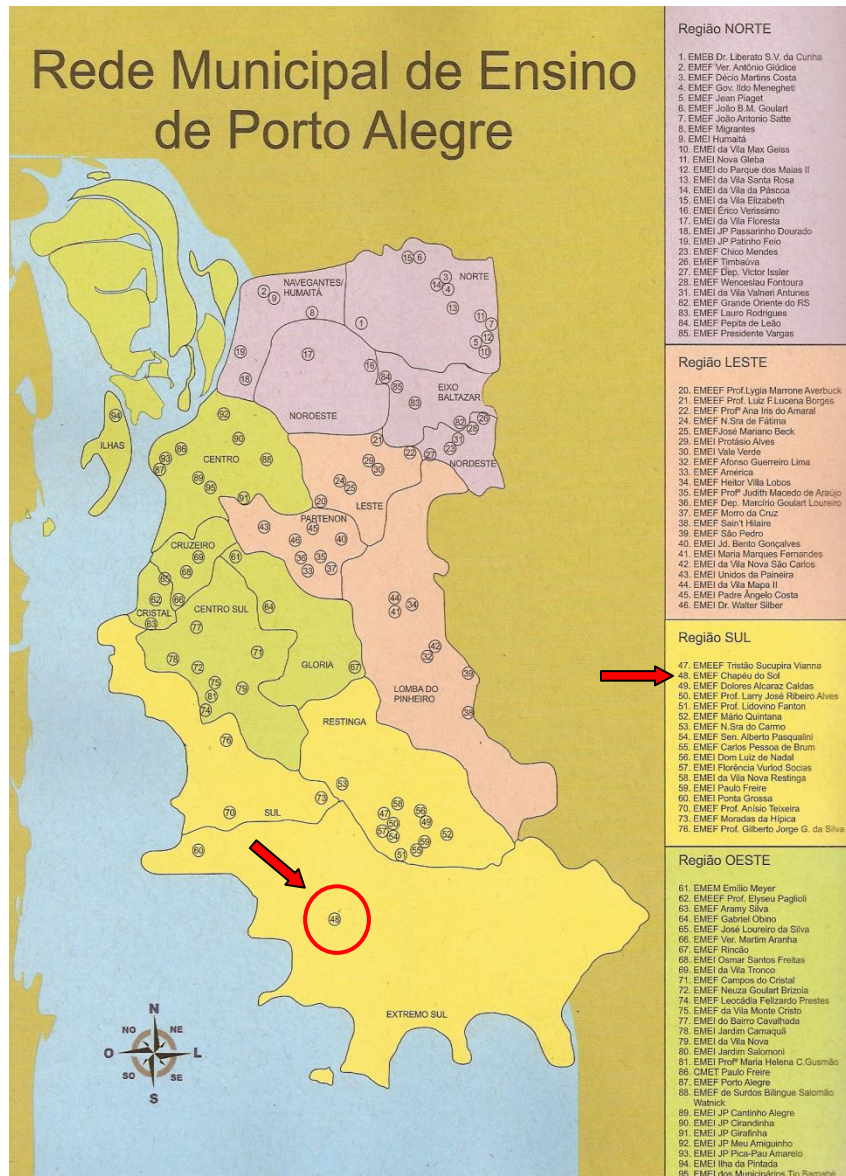
A escola pesquisada localiza-se na Região Extremo-Sul, na Zona Sul de Porto Alegre, mais precisamente no Loteamento Chapéu do Sol. Situa-se num bairro não oficial do município, a vinte e um quilômetros de distância do centro da cidade. Conta com apenas três linhas de ônibus acessíveis que deixam próximas, com poucos horários, que não atendem de maneira adequada o número de pessoas que habitam no local. Quem trabalha no centro enfrenta uma jornada de mais de 60 minutos de ida e 60 minutos de volta, em deslocamento de transporte coletivo urbano.

Segundo o Wikipédia, "**Chapéu do Sol** é um bairro não oficial da zona sul da cidade brasileira de Porto Alegre", que faz divisa com os bairros: Abertas dos Morros (também considerado não oficial pelo Wikipédia), Restinga, Lageado, Belém Novo, Ponta Grossa e Hípica. O mesmo site informa que:

*"o bairro tem 2.620 habitantes, representando 0,19% da população do município. Com área de 5 km<sup>2</sup>, representando 1,05% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 524 habitantes por km<sup>2</sup>, o bairro se localiza próximo dos bairros Belém Novo e Ponta Grossa".*  
([http://pt.wikipedia.org/wiki/Chap%C3%A9u\\_do\\_Sol](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chap%C3%A9u_do_Sol), desde junho de 2009)

Na Figura abaixo, é possível verificar a quantidade de escolas que estão à disposição da população deste local, oferecidas pela Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Na região extremo-sul, há apenas uma escola de educação infantil (EMEI Ponta Grossa) e a escola pesquisada de educação fundamental.

Figura 1: Mapa da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre



### Breve Histórico da Urbanização da Capital

Porto Alegre é um município que historicamente concentrou seu desenvolvimento na região Centro e Norte, devido à presença do Porto do Guaíba e das barreiras geográficas impostas pelas cadeias de morros, principalmente a Crista de Porto Alegre (Morros da Companhia, da Polícia, Teresópolis e da Tapera). Por esse motivo, a zona extremo-sul do município manteve características predominantemente rurais, permitindo inclusive a permanência de diversas áreas verdes preservadas.

Nessa região encontramos os principais remanescentes de matas nativas e campos rupestres do município, como o Morro São Pedro. Atualmente, devido a grande densidade das áreas norte e centro, existe um crescente processo de expansão urbana em direção à Zona Sul da cidade, que vem ocorrendo de forma desordenada e muitas vezes sem o mínimo planejamento.

Ao longo da última década temos visto a zona rural ser ameaçada pela especulação imobiliária, em muito motivada pela falta de políticas públicas que apoiem a permanência das áreas de produção primária e de preservação ambiental. É inelutável reconhecer que a manutenção da matriz rural da zona Sul de Porto Alegre traz consigo benefícios não só do ponto de vista ambiental como econômico, uma vez que a produção primária é responsável pelo sustento de diversas famílias da região.

Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais – INGÁ (2007)

Atualmente, de acordo com o PDDUA (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental), a Região Sul de Porto Alegre é considerada Zona Rururbana, sendo introduzido o conceito de que “*tudo é cidade*”. “Destinada à ocupação rarefeita e caracterizada especialmente por atividades do setor primário e por áreas



*de rica biodiversidade natural, com uso residencial de baixa densidade e várias ocupações irregulares”* (RicardoOrlandini.net – Notícia em Destaque – 01.12.2009).

E, tão logo instalado, nesta região, o Loteamento Chapéu do Sol, a EMEF Chapéu do Sol foi construída e inaugurada no dia 17 de abril de 2000. A população beneficiada pela escola é composta pelas comunidades do bairro Ponta Grossa, Hípica e do Chapéu do Sol. Quando finalizado, o Loteamento, vulgarmente chamado de Vila Teletubbies, por conta de suas casas coloridas, incorporou 589 famílias que foram reassentadas nas casas do conjunto habitacional do DEMHAB, provenientes das vilas irregulares situadas no extremo-sul de Porto Alegre. Três delas à margem do Guaíba e outras duas do interior de Belém Novo, com histórico de riscos, tais como alagamentos, desmoronamentos, falta de infraestrutura adequada aos seus moradores. Durante a realização do trabalho coletivo de pesquisa, ouvimos relatos de pessoas oriundas do interior do estado, onde trabalhavam na agricultura e que vieram buscar melhores condições de vida para suas famílias. Para Oliveira (1999, p. 59), esse sujeito é:

[...] geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência [...]

### **2.1.2 A comunidade e seu entorno**

Alguns moradores fazem parte da população vinda para o assentamento ou vivem ali desde os primeiros anos da comunidade, que já havia no local, de caráter rural. A maioria dos entrevistados relatou que este reassentamento ocasionou conflitos entre as facções que já existiam nas comunidades de origem, gerados pela disputa do controle de tráfico de drogas na região. Vários relatos de roubos e violência foram feitos e, nas lembranças desses, as suas histórias se misturam com a fundação do bairro, os problemas ainda enfrentados, a ajuda mútua e as suas conquistas.

(M. 57a, fem.) Tem dias que até se desanima. Guris perdidos. A gente tenta dá conselho. Muito banditismo. Eles vêm no armazém pesar a droga e eu só peço pra serem rápidos prá não ter problemas com a polícia. Tem um vizinho (jovem) no presídio [...].

Atualmente, não há dados que evidenciem a quantidade de famílias que residem no local, mas é possível verificar que há uma constante migração das famílias devido às matrículas e pedidos de transferências de alunos. A comunidade está em constante modificação. De acordo com o trabalho coletivo de pesquisa, a escola é o principal local de congregação da comunidade. Não há igrejas no seu entorno e, em breve, será inaugurado um Posto de Saúde da Família (PSF), ao lado da escola, que atenderá a todos os moradores do Chapéu do Sol<sup>4</sup>.

A Escola fica localizada numa área bastante arborizada com pouca movimentação de carros em seu entorno, devido a sua característica de zona rural. São poucos os estabelecimentos comerciais próximos. Há um bar (venda) e no máximo dois minimercados. Há também o Núcleo da Fundação de Assistência Social e Comunitária (FASC) ao lado da Escola, permitindo eventuais parcerias.

### **2.1.3 A escola e a EJA**

Hoje, a escola atende em torno de mil e cem (1 100) alunos (crianças, jovens e adultos) nos turnos manhã, tarde e noite. E, embora já tenha completado 10 anos de existência, nota-se que é bem conservada, ampla, bonita e organizada. Possui uma excelente infraestrutura, contando com vinte e uma salas de aula; espaços pedagógicos como Biblioteca, Laboratório de Informática, Sala Múltipla de Vídeo e Multimídia, entre outras; salas da área administrativa da escola e um pátio grande contendo quadras de esportes de cimento, sendo uma delas coberta e um campo de futebol gramado.

Há uma variedade de recursos didático-pedagógicos: computadores; biblioteca com empréstimos de livros, inclusive para a comunidade; jogos pedagógicos; materiais concretos; mapas; entre outros, todos bastante explorados pelos professores em seus planejamentos e execução de suas aulas, proporcionando aos alunos diferentes meios para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

---

<sup>4</sup> O PSF Chapéu do Sol foi inaugurado em novembro deste ano.

Aqui, cabe ressaltar que pensar numa escola democrática é pensar em acesso e, segundo Alencar (2005):

Este currículo democrático deve oferecer aos estudantes fontes constantes de informação, devem ser colocados em contato com a cultura de seu tempo, pelo uso de variados meios de comunicação, incluindo os diversos tipos de material impresso, livros, revistas e jornais, assim como o cinema, o teatro, as artes em geral, a televisão e o computador.

Foi possível verificar que a instituição pesquisada tem tentado proporcionar estes espaços de convivência. Os passeios organizados pela escola, como visita a museus, cinemas, teatros, feira do livro, entre outros, são outro recurso importante de aprendizagem e interação de professores e alunos e da relação destes com seus pares. Estes momentos propiciam uma intensa integração de todos, proporcionando espaços de cultura e lazer. Muitas vezes famílias de classes populares não possuem condições para participarem deste tipo de atividades. É importante destacar que atualmente estes passeios têm sido bem mais escassos que no passado, o que demonstra que não há, hoje, na sua totalidade, na administração do município, uma política de cidade educadora.

Gadotti (2005, p. 2) nos lembra que “na cidade que educa todos os seus habitantes usufruem das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que ela oferece”. E, no item 5, no princípio do direito a uma cidade educadora, constante na Carta das Cidades Educadoras (2004, p. 5) consta que:

Os municípios deverão exercer com eficácia as competências que lhes cabem em matéria de educação. Qualquer que seja o alcance destas competências, elas deverão prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação formal, não formal e informal, assim como as diferentes manifestações culturais, fontes de informação e vias de descoberta da realidade que se produzam na cidade.

É importante destacar que, nesta escola, a Educação de Jovens e Adultos teve seu início com uma turma do MOVA, no ano de 2000, por uma Educadora Popular. Na época, o IBGE apontava o Extremo-Sul da cidade com um alto índice de analfabetismo. Em 2001, houve a implantação do Serviço de Educação de Jovens e Adultos - SEJA, com turmas de Totalidade 1 e 2. Neste período, a participação efetiva dos alunos como conselheiros e delegados nos fóruns de Orçamento Participativo (OP) conquistou a ampliação da oferta dos demais níveis de

escolaridade, sendo contemplados com as Totalidades 3, 4, 5 e 6. Na EJA, a idade varia dos quinze aos setenta e um anos de idade e, no início do ano, havia duzentos e onze (211) alunos matriculados, além dos, em torno, de quinze (15) alunos que constituem uma turma do segundo ano do Ensino Médio<sup>5</sup>.

Faz-se necessário assinalar que, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, a EJA está organizada por Totalidades do Conhecimento (desde 1989):

as seis TOTALIDADES DO CONHECIMENTO que organizam o currículo do SEJA representam a busca da unidade perdida, pois cada TOTALIDADE encontra-se inserida na seguinte, construindo-se com isto a visão totalizante e globalizante de toda a práxis docente e das aprendizagens dos alunos (CADERNOS PEDAGÓGICOS 8, 1997, p. 31).

Esta organização é resultado do esforço de democratização da gestão e do acesso ao ensino, sendo implantada pela Administração Popular, a partir dos princípios da Escola Cidadã:

A democratização do acesso transcende os padrões do ensino regular, passando por investimentos voltados aos segmentos normalmente excluídos e esquecidos, os trabalhadores, as crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais, as crianças e jovens de rua que não tiveram acesso à escolarização básica (KRUG e AZEVEDO, 1999, p. 16).

Cabe lembrar, segundo Gadotti (op.cit, p. 3), que:

“podemos falar de Escola Cidadã e de Cidade Educadora quando existe diálogo entre a escola e a cidade. Não se pode falar de Escola Cidadã sem compreendê-la como escola participativa, escola apropriada pela população como parte da apropriação da cidade a que pertence”.

É importante destacar que a procura e a matrícula na EJA acontecem de forma diferenciada. É possível durante o ano, a qualquer tempo, realizar a matrícula e iniciar estudando em uma das Totalidades oferecidas. A única observação feita é em relação à escolarização anterior, visto que, dependendo do Histórico Escolar, os alunos são incluídos nas Totalidades Iniciais (1, 2 e 3) ou Finais (4, 5 e 6). O nível de

---

<sup>5</sup> Turma piloto de projeto implantado pela Secretaria Municipal da Educação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 2010.

conhecimento dos alunos e os avanços de aprendizagem obtidos são constantemente analisados para verificar a possibilidade e/ou a necessidade de reinturmações.

Segundo o Cadernos Pedagógicos 8 (SMED, 1997, p. 27), *a avaliação é global e permanente, de forma que os alunos AVANÇAM para a TOTALIDADE seguinte, em qualquer momento do ano, de acordo com o seu processo de aprendizagem.*

As **TOTALIDADES DE CONHECIMENTO 1, 2 e 3** correspondem ao processo de Alfabetização. As turmas são atendidas por um professor, para uma média de 25 alunos e cada **TOTALIDADE** tem a duração de 400 horas/aula divididas em dois trimestres.

As **TOTALIDADES DE CONHECIMENTO 4, 5 e 6** abrangem todas as disciplinas do currículo: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências Físicas e Biológicas, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física e Educação Artística (um professor para cada disciplina) (p. 33).

#### **2.1.4 Os alunos da EJA na visão da Escola**

Em 2010, quando da coleta de dados sobre os alunos, a então coordenadora pedagógica (N. 43a, fem) da EJA passou-nos as seguintes informações:

A maioria dos alunos é mestiça, havendo poucos negros (esta informação foi baseada em percepção visual). Moram nas proximidades, no próprio loteamento e nos bairros próximos à escola. São poucos os que moram sozinhos. A grande maioria constituiu sua família, ou, no caso dos adolescentes, ainda moram com seus pais.

A renda familiar, somente para aqueles que trabalham com carteira assinada, fica em torno de R\$ 500,00 (quinhentos reais). Os demais não possuem renda fixa, já que muitas vezes exercem funções temporárias, como prestadores de serviços. Muitos pais de adolescentes recebem Bolsa Família ou outra forma de benefício financeiro concedido pelo governo para a manutenção destes jovens na escola.

Outro tema relevante destacado pela coordenadora é o fato de que a maioria dos jovens da EJA não trabalha por vários motivos, pela falta de ofertas de emprego, pela baixa escolaridade, entre outros.

Os adultos, quando procuram a EJA, manifestam que desejam ascensão profissional, já os adolescentes querem ser reintegrados por que foram excluídos, na maioria das vezes, do dia.

Informou-nos, ainda, que a escola acolhe os alunos tentando incluí-los através da afetividade, da proximidade, incentivando-os na continuidade de seus estudos e na superação de suas dificuldades, estimulando o desenvolvimento da autoconfiança para melhorar a auto-estima de cada um. A EJA tem uma preocupação especial com seus alunos, tentando conhecer suas realidades e entender o contexto em que vivem, inclusive pelo fato de que muitos trabalham durante o dia e fazem um terceiro turno quando está vindo à escola para estudar.

Rios e Souza (2007) defendem que:

O estabelecimento de vínculos afetivos na EJA modifica o convívio diário e serve como elemento facilitador de aprendizagem. A relação de confiança entre os alunos e destes com os professores é fundamental, pois proporciona o desembaraço, a criatividade, o enfrentamento dos novos desafios. Logicamente esses laços não se estabelecem de maneira forçada ou obrigatória, mas de forma espontânea. Um dos papéis da equipe de trabalho é proporcionar momentos ou dinâmicas em que promova a interação, a ampliação de saberes e que as histórias de vida sejam consideradas e os vínculos se criem por afinidade e empatia, por encanto ... Obviamente, toda relação ou vínculo, seja de amizade ou profissional, deve ser construído através do respeito às individualidades e vivências trazidas por cada um. O afeto, o saber ouvir, o aprender com o aluno, muitas vezes são mais importantes que algumas formalidades estabelecidas nas práticas escolares.

Já, em relação aos alunos especiais, nos relatos, em 2010, a mesma coordenadora informou haver poucos alunos com tais necessidades, sendo que a maioria existente encontra-se nas totalidades iniciais. Estes alunos são tratados da mesma forma que os demais, pois qualquer um dos alunos da EJA que apresente a necessidade de superação de suas dificuldades recebe atenção especial. Através do respeito dos(as) professores(as) e dos próprios alunos em relação às diferenças de cada um, os alunos considerados especiais nem se dão conta de sua condição.

A este respeito, Leão (2006, p. 269/270), diz que:

Não importa se a educação dos sujeitos com necessidades especiais está acontecendo em uma escola especial, em uma escola regular ou de jovens e adultos, por exemplo. Importa, sim, que na contemporaneidade todos tenham o direito à educação, possam aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, de acordo com suas características e culturas.

Destacou, também, que na EJA, os alunos interagem uns com outros porque muitos deles são vizinhos e já se conhecem, mantendo também contato fora da escola. Neste sentido, a Coordenadora manifestou que a escola proporciona também espaços para que estas interações aconteçam.

### **2.1.5 Os educadores e educadoras da EJA e a prática pedagógica**

A EJA conta, atualmente, com aproximadamente 16 pessoas, entre vice-direção, coordenação pedagógica, secretaria, informática e educadores e educadoras das totalidades iniciais, finais e ensino médio. A Guarda Municipal disponibiliza também um efetivo, através de escala, vinte e quatro horas por dia. Caso as horas disponibilizadas excedam as horas permitidas para o mês, a escola acaba ficando sem este apoio, que tem a função principal de cuidar o patrimônio da escola, mas que muitas vezes acaba dando um apoio pedagógico, inibindo a entrada e saída livre de pessoas, inclusive de alunos, do espaço escolar.

Os professores são todos graduados, sendo que muitos destes têm pós-graduação (especialistas, mestres e doutores). As reuniões pedagógicas na EJA acontecem nas sextas-feiras, não havendo aula presencial neste dia. Nestas reuniões discutem-se as temáticas que serão trabalhadas em sala de aula e os professores preparam seus planejamentos tentando organizá-los de forma interdisciplinar. Sem dúvida, estes são momentos fundamentais em que se têm a oportunidade de fazer trocas, planejar coletivamente, pensar interdisciplinarmente e refletir sobre sua prática.

Neste sentido, Bueno (2008) ressalta a importância de que:

Devemos transformar o espaço de reunião pedagógica em, efetivamente, pedagógico, ou seja, transformador, de educação. Devemos perseguir a formação, a transformação, o grupo, a indagação e os desafios colocados por nossa profissão.

Em contrapartida, historicamente, sabe-se que, em alguns casos, os professores(as) passam a lecionar na EJA para complementar carga horária, uma vez que optam por trabalhar sessenta (60) horas. E, os que chegam a ela, muitas vezes, não dispõem de nenhuma preparação para trabalhar nesta modalidade de ensino. Testemunho que, em minha formação como Pedagoga, realizei apenas duas

disciplinas eletivas. Não havia nenhuma disciplina obrigatória voltada para a EJA, assim como nas licenciaturas, que quase nada veem relacionado a esta modalidade.

### **2.1.7 O Projeto Político Pedagógico – PPP e o Conselho Escolar**

A escola orienta-se a partir do regimento outorgado pela SMED no Caderno nº 9. Já, a EJA, tem como princípios fundantes a Educação Popular, a interdisciplinaridade, a Avaliação Emancipatória e o Construtivismo Interacionista.

Em 2010, o coletivo de professores e a equipe diretiva concluíram e encaminharam o PPP à mantenedora, mas ainda não obtiveram retorno. Tal documento manifesta o entendimento da comunidade escolar referente aos conceitos de educação, sociedade e aprendizagem, entre outros.

De acordo com Veiga (2008, p. 17):

O projeto político-pedagógico, ao mesmo tempo em que exige dos educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara do tipo de escola que intentam, requer a definição de fins. Assim, todos deverão definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar. As ações específicas para obtenção desses fins são meios. Essa distinção clara entre fins e meios é essencial para a construção do projeto político-pedagógico.

Na época, a Supervisora Pedagógica do 3º Ciclo ressaltou que o documento como um todo não havia sido apresentado ao Conselho Escolar para aprovação. Licínio Lima, Doutor em Educação pela Universidade de Minho (em Braga, Norte de Portugal), ao resgatar a obra de Paulo Freire, cita-o quando ele diz que:

Educadores, pais e alunos, através do Conselho de Escola, têm o direito e a responsabilidade de exercer a gestão, tomar as decisões, encaminhá-las e avaliá-las. O projeto pedagógico que vier a ser reafirmado ou definido numa escola onde a gestão é coletiva e colegiada deverá, portanto, ser fruto do debate e do confronto de posições e interesses de todos. Assim, o Conselho de Escola, em cada escola, é o centro das deliberações (FREIRE, 1991, p. 18 apud LIMA, 2000, p. 62/63).

### **2.1.8 Pesquisa Sócio-Antropológica, Planejamento e Avaliação**

O currículo da Educação de Jovens e Adultos, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, constituiu-se a partir de inúmeras discussões entre seus educadores e educadoras. A opção pelo trabalho com a metodologia de “Redução Temática” dá-se em 1995 e aproxima-se da organização por ciclos, pois tanto na



Redução Temática, quanto no Complexo Temático, inicia-se por uma pesquisa sócio-antropológica<sup>6</sup>.

A este respeito, Azevedo (1999, p.14/15) nos lembra que:

O *Complexo Temático*, construído através de um tema significativo para a comunidade, selecionado a partir da pesquisa sócio-antropológica realizada pelas professoras e professores, se constitui no instrumento mediador para a construção do conhecimento a partir dos saberes pré-existentes no contexto cultural, onde a escola está inserida.

Nessa fonte sócio-antropológica as professoras e professores encontram um importante instrumento para ruptura com o senso comum sobre a comunidade na qual trabalham. [...]

O foco de trabalho escolhido, a partir dessa pesquisa, leva ao desenvolvimento de um conjunto de conceitos (Campo Conceitual), a serem articulados com os conteúdos específicos apontados, em cada escola, pelas áreas de conhecimento, permitindo e estimulando o tratamento interdisciplinar dos fenômenos a serem estudados.

Segundo a Supervisora Pedagógica do I Ciclo:

(R, 35a, fem) A escola trabalhou com pesquisa sócio-antropológica durante alguns anos e, no início da escola, durante as duas primeiras gestões. Foi válido para conhecermos a comunidade e entendermos qual era a demanda deles. O grande problema que nós, "escola", encontrávamos era desdobrar os conceitos importantes selecionados no planejamento.

Krug (2002, p. 61) ressalta a importância de registrar em seu estudo que, *anualmente, é realizada uma pesquisa socioantropológica na comunidade escolar, buscando levantar suas preocupações e leituras de mundo*. Atualmente, esta não é a realidade desta escola. Na opinião da mesma Supervisora, travou-se na dificuldade de desdobramentos dos conceitos inviabilizando as possíveis intervenções pedagógicas a partir deles.

Na Rede Municipal de Ensino, desde 2007, confesso que nunca participei de uma pesquisa deste tipo na escola. Até então, o planejamento na EJA teve origem nas falas significativas dos alunos, sempre induzidas, pois foram coletadas a partir

---

<sup>6</sup> Ver DELIZOICOV, D. **Conhecimento, Tensões e Transições**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 1991.

de reportagens sobre diversos assuntos apresentados aos alunos (violência, votação aos 16 anos, entre outros assuntos polêmicos). Em 2010, no segundo semestre, as falas foram recolhidas a partir da apresentação de diversas imagens do Brasil, de pessoas trabalhando, de passeatas, de filas em hospitais, de mobilizações, etc.

Sobre o planejamento, Luckesi (s/d, p. 124) diz que:

A atividade de planejar, como um modo de dimensionar política, científica e tecnicamente a atividade escolar, deve ser resultado da contribuição de todos aqueles que compõem o corpo profissional da Escola. É preciso que todos decidam, conjuntamente, **o que fazer e como fazer**. Na medida em que é o conjunto de profissionais da Escola que constitui o seu corpo de trabalho, o planejamento das atividades também deve ser um ato seu; portanto, coletivo. Decisões individuais e isoladas não são suficientes para construir resultados de uma atividade que é coletiva. As atividades individuais e isoladas não são inócuas, mas são insuficientes para produzir resultados significativos no coletivo.

Mas, é importante lembrar que *o planejamento faz parte do processo de tomada de decisão sobre a sua forma de agir, no dia-a-dia da sua prática pedagógica* (SECAD, 2006, p. 32). Licínio Lima (2000, p. 91/92), baseado nos escritos de Freire, reforça esta idéia dizendo que:

Ensinar é, pois, necessariamente tomar decisões, seja individualmente, seja com outros profissionais, seja ainda com os alunos e alunas, e portanto nunca acto puramente técnico, desligado da política e da ideologia. Isto significa que a competência do professor, para além das ciências dos conteúdos a ensinar e das ciências que versam sobre os valores, os contextos e as condições desse ensino, bem como daquelas que orientam suas formas, métodos e técnicas de realização e de avaliação, há-de sempre ficar dependente também da capacidade de assunção de responsabilidades políticas e éticas, de escolhas e de decisões que envolvem riscos [...].

Desta forma, a prática pedagógica, que compreende o planejar, o ensinar, o aprender, não é, portanto, um ato neutro, é, pois, um ato carregado de intencionalidade, implicando escolhas, valores, compromissos éticos. Silva e Monteiro (s/d) defendem que *o currículo não é elemento inocente e neutro, mas está vinculado a relações de poder, transmite visões sociais particulares e intencionais, influenciando a construção de identidades individuais e sociais específicas*.

Para Lima (ibid., p. 76/77):

a neutralidade da educação é, portanto, associável a visões despolitizadas e ingênuas de educação, a representações descontextualizadas e fragmentárias de ação pedagógica, a perspectivas ideológicas capazes de ocultarem ou naturalizarem o carácter ideológico de suas opções e interesses [...].

É importante destacar, assim como Pacheco (2007, p. 185), que *a escola não pode ser neutra, nem tampouco indiferente, e, para isso, precisa definir de que lado está: se o dos oprimidos, o dos excluídos, ou daqueles que são cidadãos apenas formalmente.*

Planejar, então, requer comprometimento, pois *o ato de planejar é a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso, não é neutro, mas ideologicamente comprometido* (LUCKESI, p. 117).

Este mesmo autor complementa ainda, em seu estudo, dizendo que:

a atividade de planejar, sem que se esteja atento aos seus significados ideológicos, é um modo - dentre muitíssimos outros - de resguardar o "modelo de sociedade" ao qual serve esse planejamento. Ou seja, é uma forma de escamotear a realidade, por não a questionar (ibid., p. 118).

Dentro deste contexto, é importante lembrar que planejamento e avaliação devem andar juntos, são ações indissociáveis. E, na escola, deparamo-nos com mais de um tipo de avaliação (a avaliação da gestão, da prática docente e a avaliação do desenvolvimento cognitivo do aluno).

Segundo, ainda, Luckesi (ibid., p. 125), *enquanto o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto.*

Na EJA, são realizados pré-conselhos com os próprios alunos e conselhos de classe com todos os professores das totalidades para avaliar os avanços dos alunos em relação a sua aprendizagem. Os objetivos são incluídos em uma planilha informatizada, sendo avaliado cada um destes objetivos constando no boletim do aluno se ele Atingiu (A), Atingiu em Parte (AP), Não Atingiu (NA) e Não Foi Possível Avaliar (NPA). Contudo, a avaliação é processual e o aluno é parâmetro de si mesmo. Particularmente, na EJA, o avanço acontece a qualquer tempo e/ou ao final de cada semestre.

Sendo assim, a avaliação educativa (deve) necessita ser uma reflexão crítica permanente em nosso fazer político-pedagógico. Concebendo-a sempre como uma possibilidade concreta de rever caminhos e de corrigir equívocos; uma prática educativa democrática que favoreça o conhecimento de nós mesmos e do outro numa perspectiva de totalidade social.

Numa avaliação substancialmente democrática pressupõe-se a dialogicidade entre todos os sujeitos envolvidos no processo, possibilitando a construção de ações transformadoras e eticamente comprometidos com o pleno desenvolvimento da existência humana.

Paulo Freire, incessantemente, de diversos modos, costumava dizer que qualquer mecanismo, instrumento, estratégias de avaliação que dificulte, negue, exclua a possibilidade de educandos e educandas de aprender criticamente o conhecimento, de ressignificá-lo com autonomia, com liberdade, estão negando a cada criança, jovem e adulto o direito civilizatório de uma educação de qualidade, em outras palavras: estão lhes negando seu direito à vida; ao desenvolvimento pleno da existência humana.

Compreender, pois, a avaliação da aprendizagem numa concepção de totalidade social é incursionar pela prática social que a produz, do projeto educacional do qual faz parte, pela prática educativa que a realiza e pela ética que a torna práxis.

A problematização da avaliação é responsabilidade ética de todos e todas nós que fazemos e desejamos uma escola pública de qualidade.

Por fim, defendemos, assim como Saul (s/d, p. 67), que:

Trabalhar com avaliação é importante, no sentido de que a entendamos vinculada a uma prática educacional necessária para que se saiba como se está, enquanto aluno, professor e conjunto da Escola; o que já se conseguiu avançar, como se vai vencer o que não foi superado e como essa prática será mobilizadora para os alunos, para os professores, para os pais.

## 2.2 DE ONDE PARTE A PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPANTE

Como falei anteriormente, nas sextas-feiras, na Escola, acontecem as reuniões pedagógicas da EJA. Neste ano, tivemos uma alteração significativa do quadro de professores desta modalidade, inclusive de alguns nomeados recentemente no Sistema Municipal de Ensino. Por conta disto, a nossa primeira reunião foi bastante conturbada, demonstrando o quanto estes novos integrantes do corpo docente da EJA desconheciam a organização curricular por Totalidades do Conhecimento. Discutimos, então, sobre metodologias de planejamento e decidimos que na primeira semana em que tivéssemos aula seria para conhecer estes alunos e que sem este conhecimento seria inviável trabalharmos alguma proposta significativa.

Na primeira semana de aula, então, iniciei uma conversa na minha turma para conhecer os alunos mais a fundo. Estas informações foram tabuladas (Ver Anexo I) e, de posse destes resultados, apresentei-os aos demais colegas falando da minha necessidade de realizar um trabalho de pesquisa na Escola. Ficou decidido, então, por unanimidade, que realizaríamos uma pesquisa participante com todos os alunos da EJA para conhecer esta realidade e, a partir daí, conduzir o planejamento. Decidimos, também, que não nos prenderíamos a metodologias para que o processo não emperrasse em discussões conceituais (SEJA, 1998, p. 46).

Nas reuniões pedagógicas seguintes apareceram falas que pautaram a dificuldade do professor de lidar com a questão da droga disseminada na escola e do trato com o público mais jovem da EJA. *“Vamos chamar a polícia e mandar prender estes alunos”*; *“eu não sou psicóloga, este não é meu papel”* eram falas recorrentes. Dialogar, entender e aproximar-se dos adolescentes, principalmente daqueles considerados “indisciplinados” (alguns cumprindo medidas sócio-educativas), era tarefa ainda mais difícil: *“Vamos organizar um passeio ao Itaimbezinho e, quando chegarmos lá, atiramos todos penhasco abaixo”* (A, mas.).

Além de ser chocante, esta fala confirmou a necessidade de conhecer com mais profundidade a realidade dos adolescentes a fim de possibilitar a estes educadores a ressignificação dos olhares a respeito do público mais jovem desta escola.

### 3 METODOLOGIA

Iniciei o ano letivo motivada a desenvolver tal temática com o intuito de aproximar a academia ao trabalho da escola a fim de contribuir com estudos em que os professores pudessem desenvolver aulas mais significativas, tanto para os alunos quanto aos demais envolvidos no processo.

Devido à disponibilidade do grupo de professores, demos início aos trabalhos do ano com uma pesquisa participante com todos os alunos da EJA, no primeiro semestre de 2011. Neste sentido, Brandão (2006, p. 12) diz que:

A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos.

A fim de conhecer, então, a realidade dos alunos da EJA, foi utilizado, como instrumento de coleta de dados, quantitativos e qualitativos, um questionário semi-estruturado, contendo quarenta e uma (41) questões, abertas e fechadas (ver Anexo II). Cada especialista sugeriu perguntas que poderiam contribuir para seus trabalhos em sala de aula no futuro.

O questionário foi aplicado a um total de noventa e sete (97) alunos após uma dinâmica de sensibilização a partir da música “Comida” dos Titãs. A letra foi discutida pelos grupos, as falas significativas foram anotadas e as seguintes perguntas foram respondidas: *Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?*

No decorrer, ainda, do primeiro semestre de 2011, a transgressão de regras básicas de convivência do espaço escolar nos alertou para a necessidade de retomá-las em reunião geral. Um grupo de adolescentes, ditos “indisciplinados”, foi indicado pelos professores para uma conversa sobre limites. Surgiu, então, a oportunidade de realizar um Grupo Focal com estes alunos para investigar que sentidos eles atribuíam aos saberes adquiridos até então.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (...) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (GONDIN, 2002).

Neste sentido, Charlot (2001, p. 23) diz que *“uma metodologia coerente com a problemática [...] deve se centrar nas fontes da mobilização do sujeito no campo do saber e nas formas que ela assume”*. Para ele, *“a questão é captar um processo que se pode designar”* a partir do foco da análise.

Para tanto, foram dois encontros, realizados com dinâmicas diversificadas<sup>7</sup>, que tiveram como principais objetivos o registro de falas significativas, através de uma escuta sensível, valorizando e conferindo visibilidade a estes jovens. As informações coletadas *foram objeto de uma análise qualitativa por temas, de uma exploração quantitativa e de uma análise qualitativa em termos de práticas de linguagem* (Charlot, 1996, p. 52).

Cabe lembrar que o segundo artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescentes aqueles que têm entre doze e dezoito anos de idade. Sabendo-se que somente a partir dos 15 anos é possível ingressar no ensino fundamental na EJA (Lei Federal nº 9.394, de 1996) e que, aos 18 anos, os jovens adquirem a maioridade legal, considere, para efeitos desta pesquisa, os adolescentes que compreendem a idade entre os 15 e 18 anos incompletos como público a ser investigado.

---

<sup>7</sup> O trabalho com o Grupo Focal está descrito no capítulo 4, no subitem 4.2.

Ao longo do primeiro semestre, estabeleci uma escuta sensível, também, em todos os espaços da escola para recolher falas significativas que evidenciassem a realidade vivida e o processo de construção pelo qual os educadores e educadoras, a equipe diretiva, os alunos e alunas, funcionárias, entre outros, estavam passando. Foram recolhidas, ainda, falas dos pais contatados devido ao comportamento dos filhos “indisciplinados”.

Nas reuniões pedagógicas, eram pautadas questões do meu projeto de pesquisa, havendo reflexões importantes e propostas de ações, fruto destas discussões.

No segundo semestre, os dados tabulados foram apresentados aos alunos, os quais solicitaram que a pesquisa-participante fosse refeita a fim de contemplar as informações dos novos na escola. O perfil foi discutido entre o grupo e os alunos questionaram sobre o que a escola estava fazendo para que os comportamentos inadequados de indisciplina não prejudicassem o andamento das aulas.

A partir destes movimentos, a pesquisa participante adquire um caráter de pesquisa-ação, sendo considerada, neste trabalho, como pesquisa-ação-participante (Brandão, 2006). Nesta perspectiva, não é possível prever o “final” do desencadeamento das ações geradas, estas ainda estão em andamento. Para este trabalho de conclusão, apresento a seguir os primeiros resultados e sistematizações destes.



## 4 OS ALUNOS DA EJA

### 4.1 A Pesquisa e a Tabulação dos Dados

Os dados da pesquisa foram sendo tabulados nas reuniões pedagógicas seguintes, havendo questionamentos dos educadores e educadoras quanto à validade da aplicação da mesma, demonstrando dificuldades em considerar a realidade imediata da comunidade onde a escola se localiza. Falas do tipo: *“eu não vejo a necessidade de saber se os alunos têm ou não animais de estimação”*; *“não acredito que seja necessário considerar a totalidade”*; *“não aguento mais ouvir falar em Totalidade”*, entre outras falas, confirmaram o quanto este grupo desconhecia o principal marco referencial da organização curricular da EJA: As Totalidades do Conhecimento. A este respeito, Correa (2009, p. 33), diz que:

As Totalidades de Conhecimento constituem os instrumentos conceituais a partir dos quais a interdisciplinaridade poderá se efetivar, e não representam etapas estanques nem uma sequência linear, de tal forma que não se precisa partir de uma para se chegar a outra. Nessa concepção curricular, a pesquisa socioantropológica torna-se um elemento fundamental para que se consiga trabalhar com a idéia de totalidades de conhecimento e realizar um planejamento interdisciplinar.

Infelizmente, não conseguimos, em pouco tempo, concluir a tabulação para um retorno imediato aos alunos, indicando a necessidade de, numa próxima experiência, realizarmos perguntas com múltiplas escolhas para facilitar tal tabulação e para discutirmos com os alunos sobre o perfil, sinalizando temas que possam ser trabalhados em sala de aula.

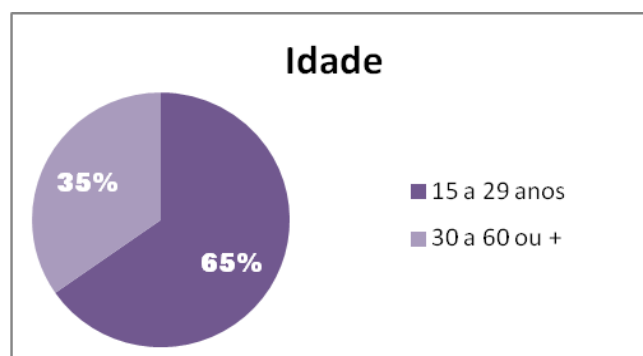
Ao buscar os dados para incluir neste trabalho, percebi que havia vários problemas na tabulação, necessitando, desta forma, revisar todas as respostas a fim de que os números pudessem ser os mais fidedignos possíveis, para que a margem de erro fosse menor (ver Anexo III). Percebi também que nem todos os alunos das Totalidades Iniciais conseguiram responder aos questionários. Provavelmente porque muitos ainda não estivessem completamente alfabetizados, também indicando a necessidade de darmos uma atenção especial às Totalidades 1 e 2, realizando entrevistas ao invés de questionário.

Os resultados obtidos confirmaram o número expressivo de jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos (BRUNEL, 2008) e, as falas e produções escritas, a partir da música dos Titãs, evidenciaram os conflitos e a intolerância gerados pelo “comportamento inadequado” dos adolescentes. Neste sentido, Carrano (s/d) aborda em seu trabalho que *“alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem ‘supletiva’ escolar”*.

O gráfico abaixo demonstra, então, que a Juvenilização também é uma realidade dessa escola, visto que a maioria dos alunos (65%) tem idade entre 15 e 29 anos. É importante destacar que este recorte etário *tem como base o entendimento do conceito de juventude como uma construção social, assim como, no Conselho Nacional de Juventude – CONJUVE – órgão governamental que tem por objetivo propor políticas públicas para esta faixa etária* (CARVALHO, 2009).

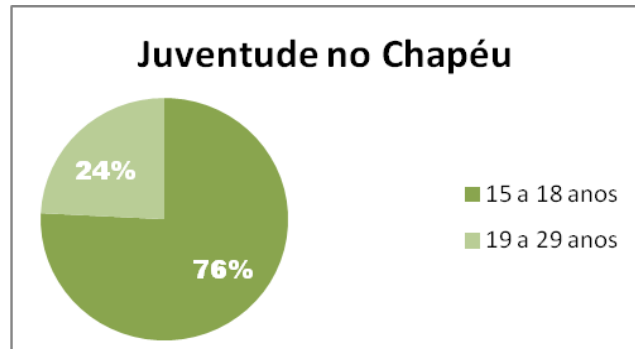
Figura 2: Gráfico da  
Adultos

Idade dos Jovens X



Porém, quando fazemos um recorte geracional, dentro do segmento juventude, considerando, para efeitos deste trabalho, que adolescentes são jovens que têm idade entre 15 e 18 anos incompletos, os dados mostram-se ainda mais expressivos. Constatamos, então, que a grande maioria (76%) destes jovens são adolescentes.

Figura 3: Gráfico da Juventude no Chapéu



#### 4.1.1 Sensibilização

Antes mesmo da aplicação do questionário, foi realizada uma dinâmica de sensibilização que consistiu em ouvir, cantar e discutir em grupos a música “Comida” dos Titãs para responder às seguintes perguntas: *Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?* Nesta dinâmica, os professores recolheram produções escritas e falas significativas<sup>8</sup> no momento das discussões.

Para realizar a dinâmica, as professoras das Totalidades Iniciais reuniram-se na Biblioteca com as três turmas (T1, T2 e T3) e, os demais professores, em duplas, trabalharam com as Totalidades 4, 5, 6 e Ensino Médio.

As imagens<sup>9</sup> a seguir retratam o envolvimento dos alunos da escola mobilizados durante a realização dos trabalhos propostos.

---

..... melhor desenvolvido por Delizoicov (1991), quando constrói a metodologia de Redução Temática a partir da filosofia freireana.

<sup>9</sup> A autorização para divulgação de imagens encontra-se no Anexo V.

Figura 4: Alunos das Totalidades Iniciais (Foto 1)



Figura 5: Alunos das Totalidades Iniciais (Foto 2)



No geral, a maioria das falas sinalizou para as questões relacionadas à saúde (ter atendimento médico), ao trabalho, à diversão, a conclusão dos estudos, a coisas materiais (móveis para a casa, carro, moto, celular, televisão), ao sonho de conquistar a casa própria e a questões relacionadas à vida em sociedade como harmonia, solidariedade, justiça, paz, respeito.

Nas conversas com os estudantes das Totalidades Iniciais, durante a sensibilização, surgiram falas do tipo:

“Eu denho vontade de aprender de escrever que ate agora não tive a oportunidade de aprnder” (sem identificação de autoria).

“Tem o pensamento de buscar a leitura do livro da vida” (sem identificação de autoria)..

“Já sofri muito por não saber ler e escrever, perdi muitas oportunidades” (C, 50 anos).

Figura 6: Turma da Totalidade 4



Figura 7: T4 apresentando os trabalhos



Figura 8: Totalidade 5 produzindo os trabalhos



Figura 9: Totalidade 5 apresentando os trabalhos



Figura 10: Material produzido pela T6



Figura 11: Turma da Totalidade 6



Figura 12: Turma do Ensino Médio



Figura 13: Material produzido pelo Ensino Médio



“Lutar até o fim para SER ALGUÉM NA VIDA”. Esta foi uma das falas mais recorrentes nas produções escritas dos alunos. O fato de considerarem que sem estudo não são ninguém na vida nos remete a pensar sobre a questão da invisibilidade. Segundo Lemos (2008, p.78):

“Tornar-se alguém” é se fazer reconhecer que, nas palavras de Charlot, são aprendizagens de cunho antropológico, ou seja, de se tornar humano, de

acessar a condição humana do convívio no mundo, enquanto pluralidade e ser reconhecido como tal pela singularidade, em um movimento indissociável. Sendo assim, o que se trata de aprender para eles é a “vida”, “as coisas da vida”, do “humanizar-se” e “socializar-se”.

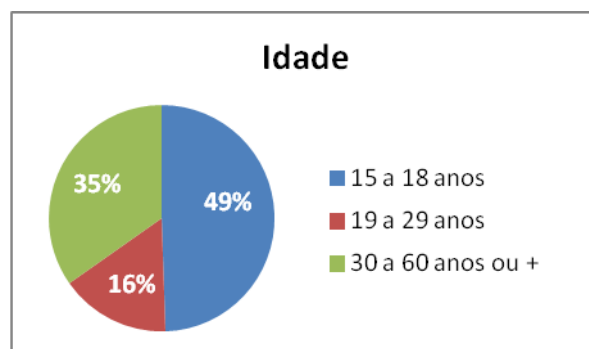
Com o intuito, então, de conhecer estes sujeitos, cada professor foi para a sala de aula com seus alunos, os quais responderam às quarenta e uma perguntas do questionário.

Os dados foram tabulados e o mapeamento geral pode demonstrar algumas informações significativas para as análises e algumas reflexões importantes, retratando o perfil deste grupo que apresenta uma nova configuração. Dentre elas, o fato de que ele apresenta-se com características basicamente juvenis, confirmando o número elevado de jovens e jovens-adolescentes que compõem atualmente a EJA.

#### 4.1.2 Principais resultados da Pesquisa

##### Quem são os alunos e alunas da EJA?

Figura 14: Gráfico da Idade dos alunos da EJA (adolescentes, jovens e adultos)



O gráfico acima confirma o número expressivo de adolescentes na EJA, já que quase metade dos alunos tem entre 15 e 18 anos de idade incompletos. 16% tem entre 19 e 29 anos e 35% tem idade entre os 30 e 60 anos ou mais.

57% dos alunos são do sexo feminino. 47% dos alunos dizem-se solteiros e, 40%, casados. 8% são divorciados e apenas 2% são viúvos.

A grande maioria (72%) dos alunos que frequentam a EJA são de Porto Alegre. Esta informação evidencia, também, o fato de que grande parte dos alunos são jovens e/ou adolescente, que provavelmente sejam filhos de egressos do interior do Estado. 20% nasceram no interior do Estado, número este expressivo que demonstra o fenômeno do Êxodo Rural, em que as pessoas vêm para a Capital para buscar oportunidades de trabalho. Devido ao elevado custo de vida nas regiões centrais e próximas a ela, elas acabam indo para as zonas mais distantes do Centro. Do total, 5% são da Região Metropolitana de Porto Alegre e apenas 3% nasceram em outros estados do Brasil.

A maioria, também, são moradores dos bairros Ponta Grossa (38%) e Belém Novo (35%). Os outros 24% e 3% moram no Chapéu do Sol e Hípica, respectivamente. A indicação de que grande parte dos alunos e alunas da EJA são moradores do bairro Belém Novo é um tanto controversa, já que é sabido que a grande maioria é provinda dos bairros Ponta Grossa e das proximidades do Loteamento Chapéu do Sol. Esta informação deve estar baseada no fato de que o Chapéu do Sol ainda não é considerado oficialmente um bairro de Porto Alegre e que, por isto, a grande parte dos alunos e alunas indicaram Belém Novo como local de moradia, assim como os moradores do bairro Ponta Grossa que foi desmembrado do bairro Belém Novo, tornando-se oficialmente um bairro.

Apenas 5% dos alunos moram nos locais indicados desde que nasceram. 27% dos alunos vivem a mais de 10 anos nos locais onde moram. 11% já vivem onde moram de 6 a 10 anos e, 28%, faz apenas 5 anos que moram nos bairros indicados na questão anterior. Estas informações confirmam o quanto esta localidade recebeu um grande contingente de pessoas quando da instalação do Loteamento Chapéu do Sol há apenas 11 anos. Não somente nas proximidades do Loteamento, mas em toda a zona rural de Porto Alegre devido à crescente densidade demográfica nas áreas norte e centro.

A maioria dos alunos (35%) leva em torno de 5 minutos para chegar na escola. 27% e 22% dos alunos dizem que levam em torno de 15 a 25 minutos, respectivamente, e 13% deles demoram até 50 minutos para chegar, provavelmente por virem de seus locais de trabalho, já que a região localiza-se no extremo-sul de Porto Alegre. Estes dados afirmam que a grande maioria dos alunos da EJA mora nas proximidades do local onde estudam.

Embora a maioria more perto, 65% dos alunos não janta na escola e, dos que jantam, o fazem todos os dias da semana. 25% jantam às vezes, 8%, duas vezes por semana e 4% disseram que não dá tempo, muito provavelmente também por virem direto dos seus locais de trabalho devido à distância da localização da escola dos grandes centros urbanos.

61% dos alunos não possuem filhos. 25, 21 e 19% dizem morar com os pais e/ou família; com esposo(a), filhos(as) e/ou pais; com a Mãe, irmã(os) e/ou familiares. Não possuir filhos e morar com os pais e família, em sua grande maioria, são características pertinentes ao mundo juvenil.

Em relação a sua personalidade, entre as características mais citadas, os alunos se dizem alegres, amigos, tímidos, simpáticos, sinceros, calmos, fortes, legais, quietos, solidários, divertidos, felizes, prestativos, tranquilos, etc. E, quanto ao como eles acham que os outros lhe veem, disseram: alegres, calmos, amigos, tímidos, comunicativos, agressivos, entre outros.

### **A Qualidade de Vida, o Lazer e o acesso à Cultura**

Mais da metade dos alunos dizem não possuir problemas de saúde na família. Esta informação necessitaria aprofundamento levando-se em consideração o conceito que atribuem a problemas de saúde.

Ao serem questionados sobre o que costumavam fazer em seus tempos livres, a grande maioria respondeu que assiste à TV; vê filmes; descansa/dorme; lê; estuda; não faz nada; fica com a família e/ou visita os parentes e conversa com amigos. Também dizem fazer alguma atividade física, entre outras atividades, em seus tempos livres. E, neste sentido, torna-se importante destacar que 51% dos alunos e alunas dizem gostar de esporte, sendo sinalizados futebol e vôlei como os de maiores preferências. Dança e videogame também foram incluídos nas respostas como sendo um esporte. Mexer no computador e jogar videogame faz parte das atividades também realizadas no tempo livre, bem como o trabalho doméstico realizado durante o período que deveria ser de descanso. Andar de cavalo e cuidar da horta evidenciou os traços da ruralidade do local.

A grande maioria (70%) dos alunos assiste a filmes em casa e 16% afirmam não assistir. 6% disseram assistir às vezes e/ou raramente. E os filmes que mais



gostam são os de comédia, terror, ação e/ou romance. Já, entre os tipos de músicas mais citados, estão o funk, o pagode e a sertaneja. O grupo de alunos mostrou-se um tanto eclético dizendo gostar de todos os tipos de música. Hip-hop, dancing, romântica, rock e músicas gauchescas, também fazem parte do gosto musical destes alunos.

57% deles disseram gostar de ler. E, romance, poemas e poesias, histórias em quadrinhos, entre outros, foram os tipos de leitura mais citados por eles. Dos 97 alunos que responderam ao questionário, 26% não responderam se gostam de ler e 28 alunos não preencheram a questão referente ao tipo de leitura preferido.

Os alunos da EJA, em sua grande maioria, são frequentadores assíduos de bailes, bares, igreja, shoppings e cinema. Poucos alunos disseram ir ao teatro e, dos que frequentam, dizem ir apenas duas vezes ao ano.

52% dizem ter alguma religião e, entre as mais destacadas, estão a católica e a evangélica. Foram destacadas a umbanda e o batuque como suas religiões. Algumas pessoas disseram acreditar apenas em Deus e outras se disseram ateias.

Muitos alunos disseram não possuir dificuldades no seu dia-a-dia. Porém, os que disseram ter, falaram que encontram dificuldades no trabalho em geral, no trabalho pesado, no fato de terem que acordar cedo, de não saberem ler, de ter que pegar ônibus lotado e a falta deles, os problemas de saúde, do cansaço, do sono, do estresse, do fato de terem que deixar seus filhos para trabalhar, da falta de trabalho e oportunidades, da falta de paz e tranquilidade, do relacionamento com o(s) filho(s) adolescente(s), entre outras.

A família, os filhos e netos, a mãe, o amor, a felicidade, a paz, harmonia e respeito, Deus, os estudos, os irmãos, a saúde, o trabalho, os amigos, o(a) esposo(a), entre outros, foram os itens mais citados em relação ao que eles consideram mais importante em suas vidas.

### **A Vida no Trabalho e o Trabalho na Vida**

50% dos alunos da EJA dizem desenvolver algum tipo de atividade que gera renda e 37% dizem que não. As habilidades profissionais mais citadas foram nas áreas dos serviços gerais; da mecânica e do comércio. Chamou atenção, também, o fato de que vários deles disseram não possuir habilidades profissionais. Já, quanto à

profissão pretendida, foram citadas as áreas da saúde, dos trabalhos que exigem nível superior, cursos técnicos e concursos públicos, dos serviços gerais, de mecânica, do comércio, da construção civil, entre outras.

### A Participação Social e Comunitária

Chamou a atenção o fato de que muitos alunos não responderam à questão referente à participação em algum grupo. E, dos que responderam, o Time de Futebol, o Grupo de Jovens, a Associação de Moradores, os Centros Comunitários foram os grupos mais citados. Apareceu também a Escola de Samba, o Grupo de Dança, o Sindicato, entre outros, como espaços de participação social e comunitária.

Em relação ao acesso às tecnologias, o Celular, o DVD, o Computador e o MP3 foram as mais citadas. E, dos que têm acesso às Redes Sociais, grande parte disse participar do MSN, Orkut, Facebook, entre outros. Muitos alunos não responderam a esta questão.

### Educação e Estudo (antes e depois da EJA)

Conforme observamos nos quadros abaixo, é possível ver que grande parte dos alunos não respondeu às questões. 13 alunos disseram nunca ter parado de estudar, o que nos remete ao fato de que a maioria é adolescente provindo do dia. Os anos finais do ensino fundamental (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>) foram as mais citadas na questão relativa à série em que haviam parado de estudar.

**Tabela 1**

Tempo sem estudar	
Não respondeu	23
Nenhum/Nunca parou	13
Há algumas semanas	1
Há alguns meses	4
Há 1 ano	9
De 2 a 5 anos	9
De 6 a 10 anos	7
De 11 a 20 anos	11
De 21 a 30 anos	7
Há mais de 40 anos	3
Nunca estudou	6

**Tabela 2**

Série em que parou	
Não respondeu	20
5 <sup>a</sup> série	10
4 <sup>a</sup> série	9
7 <sup>a</sup> série	9
8 <sup>a</sup> série	8
6 <sup>a</sup> série	7
3 <sup>a</sup> série	5
Não parou	2
1 <sup>a</sup> série	2
2 <sup>a</sup> série	1

**Tabela 3**

Série/Ano/Etapa atual	
T1	5
T2	8
T3	12
T4	12
T5	5
T6	1
Ensino Médio	9
Jardim	1
6 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup>	16
8 <sup>a</sup>	13
Não respondeu	15

Em relação à série, ano e/ou etapa atual em que se encontram na escola é possível perceber que muitos alunos ainda dizem estar na 6ª, 7ª e/ou 8ª série, o que demonstra que não se apropriaram do conceito de Totalidade do Conhecimento e, provavelmente, não percebiam diferenças que esta modalidade de ensino requer. Este dado nos remete a pensar qual o significado que estes alunos atribuem a EJA enquanto espaço de escolarização e como as escolas contribuem ou não para abordar as especificidades desta modalidade.

Conforme o quadro abaixo, é possível perceber que o que os alunos desejam é estudar e aprender mais, concluir os estudos e passar de ano. Alguns disseram que esperam um futuro, esperam aprender a ler e escrever, entre outros. Mas o que chama mais atenção é o fato de eles pedirem mais atenção, compreensão e paciência.

**Tabela 4**

O que espera da EJA?			
Estudar/Aprender mais	17	Mais professores	2
Não respondeu	14	Nada	2
Concluir os estudos	12	Que o E.M. continue	2
Passar de ano	9	Atingir metas	1
Futuro melhor	7	Educação melhor para todos	1
Ler e escrever	5	Mais compreensão com o E.M.	1
Melhorias	4	Mais oportunidade para outras turmas	1
Oportunidade (qualificação; aprendizado)	4	Mais turmas do E.M.	1
Mais atenção, compreensão e paciência	3	Não sabe	1
Muitas coisas	3	Progredir	1
Tudo	3	Que a EJA continue	1
Tudo de bom	2	Ser amigo de todos	1
Aulas melhores	2	Ser um bom aluno	1
Certificação no E.M.	2	Terminar o ano letivo	1
Continuar como está	2		

O quadro acima nos remete a pensar o significado que estes alunos atribuem à escola. Neste sentido, Charlot (2000, p. 52/53) diz que:

[...] o que é importante para estes jovens e/ou o que eles esperam é antes de mais ir à escola, estudar e obter os diplomas para mais tarde ter um trabalho, um emprego, uma “boa profissão”. A constelação estudos-diploma-trabalho está no seio das suas expectativas.

O saber não faz parte desta constelação [...].

Solicitamos, também, que os alunos escrevessem perguntas que gostariam de fazer aos seus professores, aparecendo, com dezoito (18) incidências, a pergunta crucial: “Vou passar de ano?”

**Tabela 5**

Perguntas que gostariam de fazer aos professores			
Não responderam	25	Sou uma boa aluna?	1
Nenhuma	19	Que venham melhores aulas...	1
Vou passar de ano?	18	O que vocês gostariam de mudar no nosso comportamento?	1
Como eu estou? Como está minha evolução?	6	Vocês são felizes?	1
Até que ponto vocês estão apoiando o E.M.	2	Adoro Vocês...	1
Qual a opinião de vocês em relação a nossa situação E.M.?	2	Me ajudem!	1
O que os professores acham do E.M. na escola?	2	O que você acha de mim?	1
Quantos anos você tem?	2	Vamos fazer gincanas, excursões?	1
Você gosta de dar aula para nós?	2	Porque não comunicam a troca de períodos?	1
Como conseguem ter paciência para dar aula?	2	O que vocês pensam dos nossos futuros?	1
O que te levou a ser um professor?	2	Como é dar aula para adultos?	1
Vocês gostam de nós?	1	Por que vocês escolheram esta escola?	1
Como você vive no dia-a-dia?	1	O que vocês sentem quando entram na aula?	1
Você me acha interessado(a) nos estudos?	1	Quando vão começar coisas da oitava série?	1
Nem sei...	1	O professor de matemática e geografia vão melhorar?	1

Segundo Charlot (2001, p. 48), “eles esperam que o professor ‘fale com eles’, de pessoa para pessoa. É, por isso, provável que esta ausência de laços singulares no universo escolar contribua para que a escola se torne pouco suportável para estes jovens”.

Já, em relação à opinião dos alunos sobre a escola, eles consideram-na boa, muito boa, legal e ótima entre as maiores incidências.

**Tabela 6**

Opinião sobre a escola			
Boa	30	Desorganizada	1
Muito boa	16	É segura	1
Não respondeu	12	Gosta dela	1
Legal	8	Liberal	1
Ótima	6	Limpa	1
Tudo de bom	5	Lugar sossegado	1
Nenhuma	5	É a melhor escola	1
Precisa melhorar	4	Muito legal	1
Está conhecendo	2	Normal	1
Nada a declarar	2	Pequena	1
Pouca segurança	2	Razoável	1
Acolhedora	1		

Entre os itens mais destacados em relação ao que está bom na escola aparecem: Tudo; Tudo ótimo; as Aulas/conteúdos; os Professores, entre outros. Já, entre os mais interessantes, estão o fato de não haver aula na sexta-feira, o número reduzido de alunos nas turmas, a forma de ensinar e a atenção recebida na escola.

Uma das questões indicadas também foi a de que eles gostariam de aulas de reforço para os que estão com muitas dificuldades de aprendizagem, sendo que não está prevista a oferta de Laboratório de Aprendizagem na RESOLUÇÃO CME/PoA n.º 009<sup>10</sup> para a modalidade de ensino EJA.

Ao serem questionados sobre o que modificariam na escola, muitos alunos responderam que não modificariam nada, que gostam muito, mas apareceu também, com grande incidência, que modificariam algum professor e/ou disciplina.

Um item importante, que foi destacado nas respostas, é o “mau comportamento”, principalmente da gurizada, que apareceu com nove incidências, enfatizando a intolerância em relação à quantidade de adolescentes existente hoje na EJA, inclusive falado pelos próprios adolescentes.

Todo este trabalho de pesquisa-ação-participante, como já foi dito, gerou importantes momentos de reflexão, tanto para o grupo de professores, quanto para os estudantes. Muitas foram as reflexões coletivas sobre os sentidos de estar na escola. Entretanto, podemos destacar que, desde o início, a questão da “indisciplina” dos adolescentes foi tema central das falas dos sujeitos envolvidos no processo, sendo esta questão enfocada a seguir.

#### **4.2 Adolescência e “INDISCIPLINADOS”: O Grupo Focal**

No mês de maio, a transgressão de regras básicas de convivência do espaço escolar nos alertou para a necessidade de retomá-las em reunião geral.

Um grupo de adolescentes, ditos “indisciplinados”, foi indicado pelos professores para uma conversa sobre limites. Surgiu, então, a possibilidade de realizar um grupo focal com estes alunos para investigar a relação que eles

---

<sup>10</sup> Estabelece diretrizes para a oferta da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

estabeleciam com o saber e com a escola. Trabalhar com este grupo tornou-se uma grande oportunidade de aprofundar o entendimento do que os adolescentes pensam e falam sobre suas vidas, sobre a escola, sobre a sua relação com o mundo que os cercam.

O fato de fazer o grupo focal justamente com estes adolescentes tinha, no mínimo, dois propósitos: o de investigar e compreender, então, a relação que eles estabeleciam com o saber e com a escola e, a busca por entender os motivos destes comportamentos recorrentes de “indisciplina”, sinalizando para uma possível mudança de postura coletiva.

Segundo Pedro-Silva (2010, p. 60), indisciplina é:

[...] toda ação moral executada pelo sujeito que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração. Assim, pouco importa se o aluno desobedeceu a regras colocadas de maneira arbitrária ou se as desobedeceu sem ter consciência dessa transgressão [...]

Porém, é importante destacar, assim como Trevisol (s/d, p. 5), que o contexto da indisciplina está, comumente, ligado a outras condutas de indisciplina, como a do aluno; do professor; da escola; da família e à indisciplina ligada ao descumprimento das regras como um todo. Esta constatação, fruto de um levantamento realizado pela autora, a partir dos estudos sobre tal temática, nos alerta para a seguinte questão: a necessidade de conhecer as reais motivações destes comportamentos inadequados dos adolescentes para não se correr o risco de tirar conclusões e agir precipitadamente diante destas condutas, podendo agravar ainda mais o problema.

Duas semanas antes de iniciar o primeiro encontro, fui abordando estes jovens e convidando-os individualmente para participarem do grupo. Esta aproximação individual tinha a intenção de fazer com que eles se sentissem valorizados pela importância que teriam para o meu trabalho. A maioria demonstrou-se bastante interessada, perguntando várias vezes em que dia seria realizado tal encontro.

Os dois encontros aconteceram em junho e, para a realização do primeiro, organizei a sala de vídeo, com um tapete no meio da sala, as cadeiras em círculo e uma mesa com algumas bolachas e chás. Ao buscá-los nas salas, os alunos ficaram

desconfiados com o convite e os demais adolescentes indagavam o porquê de não terem sido convidados e diziam que aqueles estavam sendo chamados para levar bronca pelos seus comportamentos.

Antes de iniciarmos a dinâmica, expliquei que estava fazendo um trabalho para a faculdade e que eles tinham sido indicados pelos professores para participarem, sem expor o real motivo da indicação.

Participaram, então, do grupo, em torno de treze (13) alunos, sendo a maioria meninos e apenas duas (2) meninas. Inicialmente, demonstraram-se um tanto agitados, mas, aos poucos, foram prestando atenção e interessando-se pelo que estava sendo falado. Expliquei sobre a realidade atual da EJA, da quantidade de adolescentes, e disse que a ideia era entender melhor o que tinha sentido para eles na escola, a fim de pensar aulas mais significativas e que eu acreditava que aquele grupo tinha condições de me ajudar neste trabalho.

Figura 15: Primeiro encontro do Grupo Focal



Neste dia, distribuí tarjetas coloridas para colocarem nos cartazes que tinham as seguintes perguntas, as quais foram respondidas, conforme quadro abaixo:

Figura 16: Quadro da primeira dinâmica do Grupo Focal

COM QUEM VOCE MORA?	ONDE VOCÊ TRABALHA?	QUAL O SEU MAIOR SONHO?
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Com pai”</li> <li>• “Mãe... irmãos”</li> <li>• “Família”</li> <li>• “Com meus pais”</li> <li>• “Família”</li> <li>• “Com a mãe”</li> <li>• “Minha mãe e duas irmãs”</li> <li>• “Eu moro com a minha família”</li> <li>• “Família”</li> <li>• “Com meus pais”</li> <li>• “Eu moro com os meus pais e irmãos”</li> <li>• “Mãe e pai”</li> <li>• “Com minha mãe e meu padasto”</li> <li>• “Com minha mãe”</li> <li>• “Mãe”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Fasso curso!”</li> <li>• “No centro”</li> <li>• “Não trabalho mais!”</li> <li>• “Ainda não trabalho... Mas pretendo...”</li> <li>• “Eu trabalho na costursão civil”</li> <li>• “Não”</li> <li>• “Belém Novo”</li> <li>• “Não trabalho”</li> <li>• “Não trabalho”</li> <li>• “No comércio”</li> <li>• “Não trabalho”</li> <li>• “Não trabalho”</li> <li>• “Na obra”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Ter uma chance de jogar futebol!!!”</li> <li>• “Fazer um curso e faculdade”</li> <li>• “Nem sei!”</li> <li>• “Ajuda minha mãe”</li> <li>• “Eu ficar vivo”</li> <li>• “É acabar todos os estudos”</li> <li>• “Não tenho sonho”</li> <li>• “É continuar tabbalhado”</li> <li>• “Ganhar dinheiro 100 trabalhar”</li> <li>• “Ser arquiteto”</li> <li>• “Terminar os estudos... Logooo.”</li> <li>• “Ainda não sei”</li> <li>• “Ter uma galeria de arte”</li> <li>• “Fica vivo!!!”</li> </ul>
QUE MÚSICAS E CANTORES VOCÊ GOSTA?	O QUE FAZ NO HORÁRIO LIVRE? (esporte, lazer, cultura, família)	O QUE A ESCOLA REPRESENTA PARA VOCÊ?
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Vários tipos”</li> <li>• “Eletrônica Pagode Fank”</li> <li>• “Sertanejo Eduardo Costa”</li> <li>• “Reegae, Rock, Surf Music”</li> <li>• “Reegae Pagode Dance”</li> <li>• “Todas as musicas”</li> <li>• “Havaianas Sanba Crew”</li> <li>• “Peter Tosh”</li> <li>• “Fank K9”</li> <li>• “Funk – Sertanejo”</li> <li>• “Rap Racionais”</li> <li>• “Fuck = K9”</li> <li>• “MC K9 MC Martinho MC Maikinho Racionais Bob Marlei”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Esporte futebol”</li> <li>• “Vou pra casa do namorado!”</li> <li>• “Jogando futebol”</li> <li>• “Skate, net observa natureza”</li> <li>• “Futebol y vôlei”</li> <li>• “Durmir”</li> <li>• “Fico na rua”</li> <li>• “Esporte = futebol.”</li> <li>• “Ando de skate jogo bola saio com os amigos!”</li> <li>• “Fico com os amigos”</li> <li>• “Com minha mina!!!”</li> <li>• “Sair aos fi de semana”</li> <li>• “Me divirto com minha familia”</li> <li>• “Fico em casa! Jogo bola! Fico na Net”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Aprendizagem”</li> <li>• “A escola é legal”</li> <li>• “Aprendizagem”</li> <li>• “Espaço lazer e aprendizagem”</li> <li>• “A escola é um momento de aprendizagem”</li> <li>• “Fundamental”</li> <li>• “Lazer e aprendizagem”</li> <li>• “Meu futuro!”</li> <li>• “Estudar e aprender!”</li> <li>• “Meu estudo e futuro!!!”</li> <li>• “Um lugar pra conhecer amigos!”</li> <li>• “A escola é um lugar aonde a jete aprende”</li> <li>• “Um lugar de aprendizagem.”</li> <li>• “A escola não a merenda”</li> </ul>

É possível perceber, nas imagens abaixo, o quanto os alunos dedicaram-se para a realização dos trabalhos.

Figura 17: Alunos participando da dinâmica



Figura 18: Alunos incluindo as respostas





Figura 19: Aluna incluindo suas tarjetas



Figura 20: Aluno incluindo suas respostas



#### 4.2.1 Análise e Discussão sobre o Perfil do Grupo

No segundo encontro, realizado na biblioteca, iniciamos os trabalhos discutindo o perfil do grupo e os motivos pelos quais haviam colocado tais respostas.

Na análise do perfil, foi possível constatar que a maioria dos adolescentes mora com a família e não tem trabalho e/ou emprego. Os sonhos destes alunos consistem em concluir os estudos e ajudar os pais e, o que mais chamou atenção, foi que alguns ainda não sabem e outros têm como sonho permanecer vivo. Um dos alunos disse que seu maior sonho é ganhar dinheiro sem trabalhar. Eles preenchem seu tempo livre realizando algum tipo de esporte, e seu gosto musical é bem eclético. Na visão deles, a escola representa a aprendizagem e uma porta para o futuro. Outros veem a escola como espaço de lazer e de fazer amigos. Um deles manifestou que para ele o mais importante era: “A escola não, a merenda”.

Baseada no perfil do grupo e nas falas dos professores sobre os comportamentos destes alunos, com a finalidade de refletir sobre este perfil, as seguintes perguntas foram feitas:

- Por que a maioria dos adolescentes não está trabalhando?
- Por que alguns alunos adolescentes disseram que não têm sonhos?
- Qual o significado de “ficar vivo” ser um sonho?
- Por que alguns alunos consideram a escola como espaço de lazer?
- Por que alguns alunos não conseguem permanecer em silêncio para se concentrar e facilitar o andamento das atividades em sala de aula?

Figura 21: Grupo Focal (2º encontro)



Figura 22: Discussão sobre o Perfil do Grupo



Em relação à questão do trabalho, passam a ideia de que existem fórmulas mágicas para ter uma profissão e uma estabilidade financeira na vida, como apareceu na seguinte fala: *“Quero ganhar na mega-sena”*. Também apareceram falas do tipo: *“É ruim acordar cedo”*, referindo-se ao fato de querer ganhar dinheiro sem trabalhar.

A este respeito, Charlot (1996, p. 56) diz que:

Esses jovens que ligam escola e profissão sem referência ao saber têm uma relação mágica com a escola e a profissão. Além disso, sua relação cotidiana com a escola é particularmente frágil na medida em que aquilo que se tenta ensinar-lhes na escola não faz sentido em si mesmo mas somente para um futuro distante.

Em contrapartida, um dos alunos disse que *“quando a gente é jovem, a gente não pensa muito nisso, mas quando a gente cresce e amadurece, a gente pensa: O que eu vou fazer amanhã? Minha mãe não vai viver para sempre, quero trabalhar num lugar limpo, bem arrumado.”*

Quanto à questão dos sonhos de vida, eles disseram: *“A gente tem o sonho de ficar vivo por causa das balas perdidas”*. *“Hoje em dia tem que pensar em ficar vivo”*; *“Numa vila assim, como é que a pessoa pode não sonhar com estar vivo?”*, referindo-se ao fato de morarem em regiões onde existe o tráfico. Nestes locais, seguidamente assistem a cenas de disputas por pontos e, conseqüentemente, cenas de tiroteio. Um dos alunos manifestou-se dizendo: *“Por que fui ameaçado de morte.”* E outro, de forma sarcástica, disse que *“Pra sonhar tem que estar vivo.”* Esta forma é uma das características marcantes da personalidade dos adolescentes, que tendem a responder e a comunicar-se com o mundo adulto debochadamente.

Outro aspecto importante das características desta faixa etária, agora no campo fisiológico, mas que influenciam sobremaneira no psicológico, é unânime também na fala deles: *“A gente tem muita preguiça.”* Nota-se, no diálogo e nas respostas dos adolescentes, que eles têm consciência de que estão passando por uma fase difícil da vida do ser humano e verbalizam esta compreensão dizendo que *“o adolescente é muito bipolar”*, como manifestou um dos alunos. Zaguri (2006, p. 28) diz que a afetividade, nesta fase, apresenta-se muito contraditória. *“É comum períodos de serenidade sucederem-se a outros de extrema fragilidade emocional, com demonstrações frequentes de instabilidade”*. Desta forma, fica fácil de entender o porquê de tantos conflitos em sala de aula e a necessidade de estabelecer um olhar diferenciado diante destes alunos que dizem abertamente: *“A gente quer chamar a atenção”*. Esta é uma característica marcante de adolescentes que muitas vezes estão invisíveis para a sociedade, que apresentam comportamentos rebeldes para dizerem que não estão felizes com alguma coisa: *“Quando a gente chega novo na escola, tem que patifar.”*

Trevisol (s/d, p. 3) defende, em seu estudo, que:

“a indisciplina pode representar, de um lado, a discordância a práticas de excessivo autoritarismo, tirania e, de outro, estímulo a uma espécie de tirania às avessas, na qual o projeto pedagógico fica submetido à vontade do aluno ou do adolescente”.

O fato de fazerem amigos e utilizar a escola como um espaço de socialização explica o porquê de considerarem este local como um espaço de lazer. Quanto aos limites e regras, os alunos referiram-se ao fato de poderem ou não fazer determinadas coisas, dizendo que: *“O limite tá na tua cabeça”*.

A escola da qual estes jovens falam aqui não é a instituição oficial, aquela onde são alunos, ao lado de outros alunos e face aos professores, mas o lugar de vida, em parte subterrânea e intersticial, onde eles encontram cada dia os amigos e onde eles estão, precisamente, mais preocupados em ter amigos do que estar em conformidade com as normas da instituição oficial (Charlot, p. 43).

E, quanto aos comportamentos inadequados em sala de aula, um dos alunos disse ser um *“tédio”* e que, prestar ou não atenção na aula, *“depende da matéria”* e, provavelmente, dependa também do professor.

Charlot (1996, p. 55) retrata esta questão em seu estudo e demonstra que existe *uma forte correlação* entre “*gostar do professor*” e “*gostar da matéria*”. Inclusive, a este respeito, estabeleceu um perfil a partir do que os jovens escreveram e/ou disseram nos Balanços de Saber<sup>11</sup>: *O bom professor se esforça, explica bem e repete com paciência, provoca a vontade de estudar, é tranquilo, propõe passeios. Ele ressalta ainda que uma frase se repete com frequência, sempre da mesma maneira: “ele conversa com a gente”.*

Antes mesmo de realizar a análise e discussão sobre o perfil do grupo, como o meu foco de trabalho era entender a relação dos adolescentes com o saber e com a escola, propus, ainda no primeiro encontro, uma atividade que pudesse me dar algumas pistas para uma possível análise e discussão também sobre tal relação, conforme descrevo a seguir.

#### **4.2.2 As aprendizagens escolares em 2011**

Quanto às aprendizagens escolares, eles escreveram o que consideravam aspectos positivos e aspectos que poderiam ser melhorados em relação aos alunos e em relação aos professores (ver ANEXO IV).

É importante destacar que, assim como nos Balanços do Saber, em todas as atividades realizadas no Grupo Focal, procurei [...] *por um lado, garantir aos alunos o anonimato a fim de obter respostas tão “sinceras” quanto possível; por outro lado, dispor de informações sobre os alunos, o que é útil para interpretar as respostas.*

---

<sup>11</sup> Os Balanços de Saber, que antigamente era chamado de Inventários do Saber, é um instrumento inventado pela equipe de pesquisa de Charlot que foi sendo melhorado aos poucos. Este instrumento consiste em uma série de perguntas organizadas de forma que o aluno obriga-se a fazer escolhas, e o convida a explicitá-las (CHARLOT, 1996 e 2001).

Figura 23: Imagem da segunda atividade do primeiro encontro do Grupo Focal



Classifiquei estas produções escritas em duas categorias: aspectos socioafetivos e sociocognitivos. Charlot (2000, p. 19) defende que, *para as respostas fazerem sentido, é necessário reagrupá-las, categorizá-las, o que supõe que seja preciso fazer escolhas – de forma que a categorização está igualmente ligada à relação com o saber do próprio investigador.*

Embora o instrumento utilizado para coleta de dados tenha abordado a questão das aprendizagens, diferentemente de Charlot, que utilizou os “Balanços de Saber”, é fato que ele não permitiu analisar diretamente a relação que os adolescentes estabelecem com o saber. E, ao dar-me conta desta problemática e não havendo mais tempo hábil para retomar esta questão com o grupo, busquei em Charlot (2000) uma alternativa para realizar as análises sobre a categorização que estabeleci na organização dos dados, constante na página seguinte. Quanto a isto, ele deixa clara a sua opinião dizendo que:

[...] para compreender a(s) relação(ões) dos jovens com o(s) saber(es) e com a escola, particularmente dos jovens das camadas populares, é preciso interessar-se também por suas relações, mais gerais, com o “aprender”. Os fracassos, os abandonos, as violências que a escola deplora são também efeitos da heterogeneidade, da concorrência, dos conflitos entre formas do aprender, das relações com o aprender (CHARLOT, 2001, p. 151).

Figura 24: Quadro categorizado da Aprendizagem Escolar

APRENDIZAGEM ESCOLAR 2011	
SÓCIO-COGNITIVOS	SÓCIO-AFETIVOS
Pedir para o professor explicar mais de uma vez a matéria	Ter educação com todos os alunos
O conhecimento é bom	Pedir para os alunos ficarem sem fazer bagunça na sala de aula
Aprender as matérias	Eu conheço bastante alunos
Muita conversa e não dá pra copiar direito	Ter educação com todos os alunos e professores
Estudando	Responsabilidade de "alguns" alunos nem todos tem...
Aprendem fácil	Amizade
Recreios mais longos e os banheiros abertos	Quando os alunos não estão num dia muito legal
Prestar mais atenção	O respeito e a amizade
Fazer os trabalhos em grupo	Tem alguns professores que são educados
Ter aula de segunda a sexta	Fazer amizade
Sempre aprendo bastante com os professores e com suas matérias	Os professores precisam ser mais calmos antes de xingar alguém
Ter mais educação física	Os professores são muito nervosos
Eu acho que está bom o ensino	Calma e respeito
Eu acho que está bom o modo de ensino	O respeito com os alunos
Aprender	
Tinha que ser um dia de cada matéria	É para que todos colaborem
A escola está fazendo a sua parte para que nunca ficamos 100 aula	Melhorar a convivência entre uns alunos e outros
Horário de ir embora as 10:00 e não as 10:30	Ficar quieto nas aulas
Diminuir a conversa pois tem alunos que não conseguem entender devido a ela	Quando bate tem que estar na porta porque quando bate nós esperamos minutos e minutos
Os alunos que fiquem na sala na troca de períodos	Terem mais paciência com os alunos mais burros
Os professores	Separar os fumantes dos não fumantes na hora do recreio
Aula na sexta	Os professores precisam ter mais autoridade dentro da sala
Fechar a quadra (em cima)	Menos conversa
E pedir o guarda vir sempre	Os professores são melhores quando eles querem melhoras
Ter mais educação física	
Professor de geografia explicar a matéria	
Mais estudo	
Pode melhorar, pois tem professores muito rápidos.	
Mais exercícios e menos texto (História)	
A aula está boa, mas pode revisar mais os exercícios (Matemática)	
A explicação	
O recreio tem que ter mais tempo	
Trocar de salas no período	

### 4.2.3 Quem eu Sou

A última atividade realizada com o grupo, dentro, ainda, da proposta de ação, retomei com eles a conversa sobre o perfil e realizamos uma dinâmica a partir da música “Quem eu Sou” da banda Hori, que consistia em responder a quatro questões, conforme quadro abaixo:

Figura 25: Quadro da segunda atividade proposta no segundo encontro

COMO EU PENSO QUE SOU	COMO OS OUTROS PENSAM QUE SOU	COMO EU REALMENTE SOU	COMO EU GOSTARIA DE SER
Sou legal, estudioso, trabalhador e honesto e também sou brincalhão	Eles pensam que eu sou chato e hiperativo	Eu sou legal, estudioso, trabalhador, e honesto	Eu gostaria de ser mais honesto e rico para poder dar dinheiro as caridades
Sereno e bastante presente	Inteligente e isforsado e bom para uma amizade e bastante amigos	Tranquilo e muito calmo e bastante de ver o futuro	Mais bonito, mais inteligente, mais istudioso e muito mais educado
Esperto, simpático, d bem com a vida!	Louco, sonhador, imperativo, brincalhão!	Observador, sincero, brincalhão, pensativo, sonhador	Mais objetivo, mais bonito, mais inteligente, mais atleta.
Eu sou normal. Sou legal	Não sei porque eu não to dentro da mente deles	Sou alegre. Gosto de falar muito.	Eu sou normal. Eu não gostaria de ser diferente.
Eu penso que sou um cara divertido, respeitador, amigo e humilde.	Eu acho que os outros pensam que eu sou um cara tri.	Eu sou alegre gosto de conversar e me divertir	Eu gostaria de ser do geito que sou
Eu penso as vezes que sou muito chato!	Legal, quieto e tri.	Legal, de vez enquanto sou chato.	Eu gostaria de ser mais legal.
Eu sou nor mau como as outras pessoas	Eu não sou pelos outros. Eu sei kem eu sou e sei o jeito que eu sou	Eu sou um pouco diferente dos outros cada um tem o seu jeito de ser.	Eu gostaria de ser uma pessoa muito legal para soutras a sim como elas são para mim.
Eu penso do jeito que sou.	Não sei. Não tem que pensar nada. Eu te nho que pensar?	Sou alegre brincalhona e divertida	Gostaria só de ser mais um Pouco feliz...
Eu penso que sou uma menina moleka sou feliz “gosto” da vida. Sempre temos problemas mas sempre eu gosto se ser do jeito que sou.	Uma pessoa bem diferente da realidade. Sou simpática e legal mas não é essa a impressão. Pensam ao contrario.		Eu me sinto satisfeita do jeito que sou. Tenho “tudo” pra ser feliz.

Esta atividade tinha a intenção de fazer com que os adolescentes refletissem sobre suas condições pessoais e suas representações identitárias. Infelizmente, não foi possível realizar um próximo encontro para dar continuidade a esta atividade. Porém, é notável o quanto este trabalho oportunizou momentos de amadurecimento. Ficou evidente o quanto estes encontros alteraram o comportamento destes alunos, durante a realização dos mesmos, e o quanto a investigação do meu problema materializou-se na realização deste grupo, pois os próprios adolescentes e os professores solicitaram a continuidade deste trabalho.

Neste sentido, é importante destacar também que apareceram falas dos pais ressaltando a mudança no comportamento dos filhos(as) e o quanto a escola estava contribuindo para esta mudança<sup>12</sup>.

Assim como Charlot, parti do pressuposto de que *“os indivíduos não são simples objetos de pesquisa, mas agentes capazes de subverter a lógica dominante, mesmo que o façam localmente e com o simples intuito de melhorar um pouco o modo de vida”* (Pinheiro, 2009).

---

<sup>12</sup> Conversas individuais com os adolescentes para resolver questões pontuais; contato com os pais para falar sobre os comportamentos inadequados dos filhos e para conhecer um pouco melhor a realidade vivida por eles, entre outras, são ações constantes realizadas pela escola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises e discussões feitas a partir da realização da pesquisa-ação-participante e, mais especificamente, a partir dos resultados obtidos através do Grupo Focal, apresento as seguintes considerações:

É imprescindível que a escola adote, como parte de seu planejamento político-pedagógico, a realização anual de pesquisa participante com os alunos da EJA para que possamos discutir, pensar e colocar em prática aulas que tenham sentido para estes alunos.

Realizar uma pesquisa participante neste espaço configurou-se na possibilidade destes sujeitos compreenderem-se e compreender o outro como sujeitos *atores-autores de um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças e saberes, todos aprendem uns com os outros e uns através dos outros* (BRANDÃO, 2006, p. 13).

Durante todo o processo de realização deste trabalho, aconteceram discussões sistemáticas dos professores e mudanças significativas de postura, principalmente com o reconhecimento da necessidade de trabalhar a partir da realidade destes alunos, de entendê-los, de dar visibilidade e de instigá-los a serem protagonistas de suas próprias construções históricas a partir da valorização de seus saberes.

Ainda, em relação à prática pedagógica, urge dizer que é necessário que ressignifiquemos sempre o processo de pesquisar, aprender, conhecer e ensinar. Utilizar-se de metodologias de investigação que aproximem ensino e pesquisa na Educação de Jovens e Adultos, tornando um hábito cultural vivo, dinâmico, criativo e solidário entre todos os envolvidos no processo se avalia determinante.

Assim, definimos o conceito de diálogo, o qual é a condição à metodologia. Organiza-se um conjunto de ações estratégicas para compreender a realidade histórica, tendo como referência para o trabalho "*o encontro dos homens mediatizados pelo mundo*" (FREIRE, 1987).

Outro aspecto a ser ressaltado, a partir da realização deste trabalho, foi a necessidade de auto-gestão imposta pelos próprios professores, não diminuindo a importância de haver uma coordenação. O grupo mobilizou-se para a construção do calendário de atividades a serem realizadas até o final do ano; para a organização de um Sarau e para a preparação de momentos nas reuniões pedagógicas a fim de dar continuidade às formações e reflexões sistemáticas sobre a Educação Popular. O grupo de alunos da Totalidade 6, a partir das propostas vindas após todas estas reflexões, também se mobilizaram e se auto-gestaram na organização da formatura, influenciando significativamente na quantidade de alunos que conseguiram concluir seus estudos no final deste ano.

A respeito ainda da importância de se trabalhar com algo que faça sentido para os educandos e educadores, é necessária a permanente busca sobre este(s) sentido(s). Neste trabalho, ainda inacabado, pois se propôs a gerar uma ação, que, felizmente, gerou um movimento na escola e extrapola os limites de uma sistematização inicial (TCC), foi possível observar que são muitas e diversas as relações com o saber que estes adolescentes estabelecem com a educação escolar e fora dela. Charlot, em entrevista concedida à Varón (2003), quando perguntado sobre o que influencia o saber, disse que não sabia, mas acrescentou dizendo que:

O que vai decidir é a atividade intelectual do próprio aluno. A atividade intelectual requerida pelo aprendizado de Matemática não é a mesma para o aprendizado do Português, por exemplo. A questão do prazer é muito importante, mas deixando claro que isso não é o oposto do esforço. Uma boa analogia para isso é o esporte. A questão da auto-estima também tem a ver com o prazer, pois o prazer mais importante para um indivíduo é se sentir inteligente, perceber que entende a aula.

Charlot acrescenta dizendo que, para interferir nessa relação do jovem com o saber, para motivá-lo, é necessário saber que:

a lógica do aluno do meio popular é diferente da lógica da escola e também da dele. É por isso que esse trabalho é, ao mesmo tempo, difícil e apaixonante. [...] Há professores que buscam motivações externas para motivar um aluno, mas isso pode criar um outro sentido. Tome como exemplo o professor que quer fazer um bolo para ensinar Matemática. O

que o aluno quer é fazer e comer o bolo. Isso é muito artificial. O importante não é criar motivação, mas mobilização. E esta é interna e supõe o desejo do próprio aluno. O professor carrega nos seus ombros o patrimônio da humanidade. O problema é transmitir isso para o aluno. É essa transmissão que permite ao aluno se tornar um ser humano, se tornar um adulto [...] (ibidem).

Enfim, acredito que o meu projeto de pesquisa tenha ido muito além das expectativas e objetivos aos quais me propus a investigar. Tanto a pesquisa participante, quanto as dinâmicas realizadas no grupo focal imprimiram mudanças significativas na vida destes sujeitos. As posturas são outras, os olhares são outros, as falas são outras, sem tantas verbalizações, mas ditas e sentidas na linguagem corpórea. Esta escuta e reflexão sistemática sobre a prática estabeleceram o diálogo, os espaços de abertura, a apropriação destes espaços, a consciência, a vontade de conhecer e de chegar mais perto destes adolescentes, não só daqueles que participaram do grupo, mas de todos os alunos que fazem parte da EJA. Os caminhos que os resultados poderiam indicar foram sendo trilhados durante todo o processo. Sem dúvida este caminho ainda é longo, mas o que torna este trabalho mais enriquecedor é o fato de que estes sujeitos já iniciaram esta jornada.

Embora o adolescente transgrida e, muitas vezes, apresente comportamentos inadequados em sala de aula, ele sabe identificar e diferenciar uma aula significativa, que valoriza aquilo que ele sabe, que conhece os espaços em que ele vive e preocupa-se com ele. Segundo Charlot (ibidem), *“no Brasil, o saber deve ter efeitos emocionais para ter valor”*. Ao valorizar, dar visibilidade e escutar estes adolescentes, suas posturas na escola com certeza se modificam. Cabe ressaltar aqui as sábias palavras de Freire, citadas por Brandão (2001, p. 30): *“O ser humano aprende a ser um humano aprendendo as significações que os outros humanos dão à vida, à terra, ao amor, à opressão e à libertação...”*.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Semíramis. **Escola e democracia** – histórico e perspectivas para uma gestão democrática nas escolas. Disponível em: <http://www.orecado.org/2005/09/escola-e-democracia-%E2%80%93-historico-e-perspectivas-para-uma-gestao-democratica-nas-escolas> - Acessado em outubro de 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Idéias Et Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Professor Reflexivo da Escola Democrática e Popular**. In.: Cadernos Pedagógicos 2: Semana Pedagógica Paulo Freire. Porto Alegre: SEC, 2001.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BUENO, Marcelo Cunha. **Reunião pedagógica**: que espaço é esse? Postado no blog em 1 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2955/reuniao-pedagogica-que-espaco-e-esse> - Acessado em outubro de 2010.

CAMPOS, Miriam Piber. **A cultura juvenil e o jovem na EJA**. In.: SHEIBEL, Maria Fani e LEHENBAUER, Silvana (orgs.). **Saberes e singularidades na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: O desafio de compreender os sentidos de presença de jovens na Escola. A segunda Chance**. Revista REVEJ@, nº ZERO, sem data.

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS (Proposta Definitiva, Novembro de 2004) Disponível em: <http://www.pitangui.uepg.br/nep/documentos/Cartadascidadeseducadoras.pdf> - Acessado em 26 de outubro de 2010.

CARVALHO, Roseli Vaz. **A Juvenilização da EJA: Quais práticas pedagógicas?** UTP: Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/posteres/GT18-5569--Int.pdf> – Acessado em setembro de 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **Os jovens e o saber - perspectivas mundiais.** Porto Alegre: Artmed, 2001. .

\_\_\_\_\_. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia.** São Paulo: Cadernos Pedagógicos, nº 97, p. 47-63, maio 1996.

CORRÊA, Luis Oscar Ramos. **Fundamentos Metodológicos em EJA I.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 108 p. Disponível em: <http://www2.videolivriaria.com.br/pdfs/15668.pdf> - Acessado em novembro de 2010.

GADOTTI, Moacir. **A Escola na Cidade que Educa.** 2005. Disponível em: [http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/A\\_esc\\_ola\\_cidade\\_educ\\_2005.pdf](http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/A_esc_ola_cidade_educ_2005.pdf) - Acessado em 26 de outubro de 2010.

GONDIN, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como Técnica de Investigação qualitativa: Desafios metodológicos.** Universidade da Bahia, 2002.

KRUG, Andréa. **CICLOS DE FORMAÇÃO: Uma Proposta Transformadora.** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

KRUG, Andréa; AZEVEDO, José Clóvis de. **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** In: SILVA, Luiz Heron da (org). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

LEÃO, Cíntia. **Relação Família e Escola: representações e significados em Educação Especial.** In: Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Tecendo Aprendizagens com a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.** Porto Alegre: SMED, 2006. (Conversações Pedagógicas na Cidade Que Aprende; v. 2)

LEMO, Míriam Pereira. **Da responsabilidade sobre o mundo: a educação escolar como mediadora dos sentidos do saber.** Tese (Doutorado em Educação), PPGEDU/UFRGS; Porto Alegre, 2008.

LIMA, Licínio C. **Organização Escolar e Democracia Radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da escola cidadã; v. 4)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica.** Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_15\\_p115-125\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_15_p115-125_c.pdf) - Acessado em outubro de 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** 22ª Reunião Anual da ANPEd - 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambu-MG. Disponível em <http://www.cinterfor.or.uy/public/spanich>. Acessado em 8 out 2010.

PACHECO, Neiva Maria da Rosa. **Gestão Democrática e Relação Escola-Comunidade: Um estudo sobre a experiência do Morro da Cruz, Florianópolis, SC.** São Leopoldo: UNISINOS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007. Disponível em: [http://bdt.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=458](http://bdt.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=458) - Acessado em novembro de 2010.

PEDRO-SILVA, Nelson. **Ética, (in)disciplina e relação professor-aluno**. In: LA TAILLE, Yves de (org.). *Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PINHEIRO, Tatiana. **Bernard Charlot: ensinar com significado para mobilizar os alunos**. Matéria publicada na Revista NOVA ESCOLA. Ed. 223, junho 2009. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/bernard-charlot-ensinar-significado-mobilizar-alunos-476454.shtml> Acessado em outubro de 2010.

**RESOLUÇÃO CME/PoA n.º 009**, de 08 de janeiro de 2009. Estabelece diretrizes para a oferta da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

RIOS, Arlete; SOUZA, Rodrigo. **Importância da afetividade na EJA**. Postado no Blog: EJA Continente – Coqueiros 2009 em 23 de agosto de 2007. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://ejacontinente.blogspot.com/2007/08/importancia-da-afetividade-na-eja.html> – Acessado em novembro de 2010.

SAUL, Ana Maria Avela. **A Avaliação Educacional**. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_22\\_p061-068\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p061-068_c.pdf) - Acessado em novembro de 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE – SECAD. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. **Avaliação e Planejamento**. Brasília, DF: MEC, 2006. (Coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, Caderno Temático nº 4)

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE – SMED. **Totalidades de Conhecimento**. 3ª ed. Cadernos Pedagógicos. Porto Alegre: SMED. Nº 8. set, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ciclos de Formação: Proposta Político-Pedagógica da Escola Cidadã**. Cadernos Pedagógicos. Porto Alegre: SMED. Nº 9. dez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Planejando as Totalidades de Conhecimento na Perspectiva do Tema Gerador**. Cadernos Pedagógicos. Porto Alegre: SMED. Nº 13. Ago, 1998.

VARÓN, Paloma. **Saber + prazer + tensão = escola**. Entrevista concedida à Revista em 06/03/2003. Disponível em [http://www.educared.org/educa/revista/educarede/especiais.cfm?id\\_especial=37](http://www.educared.org/educa/revista/educarede/especiais.cfm?id_especial=37). Acessado em dezembro de 2011.

VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 24ª ed. Campinas: Papirus, 2008. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=uQw--3o9ruUC&pg=PA11&dq=ilma+passos+a+len+castro+veiga&hl=pt-BR&ei=r07tTPLFPIyr8AaLleSfAw&sa=X&oi=bookresult&ct=book-thumbnail&resnum=1&ved=0CCsQ6wEwAA#v=onepage&q&f=false> – Acessado em novembro de 2010.

ZAGURI, Tânia. **O Adolescente por Ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

**Tabela do Perfil da Turma T 31**

Nº	Aluno(a)	Sexo	Idade	Onde mora	Cidade Natal	Atual profissão (Ramo de Atividade)	Futura profissão (Área de Atuação)	Tempo sem estudar	Série em que parou
01	A	M	17	Chapéu do Sol	Porto Alegre	Vendedor, Serviços Gerais	Cabeleireiro	4 anos	4ª
02	B	F	33	Chapéu do Sol	Alvorada	Diarista	Enfermeira	5 anos	4ª
03	C	F	38	Ponta Grossa	Porto Alegre	Doméstica	Cabeleireira	25 anos	4ª
04	D	M	16	Chapéu do Sol	Lavras do Sul	Área Naval	Seguir carreira na área naval	2 anos	4ª
05	E	F	15	Hípica	Porto Alegre	Estudante	Ainda não decidiu	1 ano	4ª
06	F	M	17	Hípica	Porto Alegre	Estudante	Ainda não decidiu (Ñ quer trabalhar)	2 anos	5ª
07	G	F	15	Ponta Grossa	Porto Alegre	Babá, Secretária, Estudante	Advogada	2 anos	5ª
08	H	F	38	Ponta Grossa	Porto Alegre	Cozinheira, Artesã	Seguir carreira como cozinheira	30 anos	2ª
09	I	F	53	Ponta Grossa	Porto Alegre	Hotelaria, Aposentada	Adquirir conhecimento	8 anos	3ª
10	J	M	16	Ponta Grossa	Sapucaia	Pintor	Engenharia Elétrica	3 anos	4ª
11	K	F	38	Chapéu do Sol	Uruguaiana	Dama de Companhia, Manicure	Saúde (funcionária pública)	27 anos	5ª
12	L	F	16	Ponta Grossa	Porto Alegre	Estudante	Telemarketing	6 anos	4ª
13	M	M	22	Ponta Grossa	São Borja	Azulejista, Carpinteiro, Capoeirista	Engenheiro Civil	3 anos	5ª
14	N	F	42	Ponta Grossa	Ijuí	Doméstica	Adquirir conhecimento	31 anos	5ª



## ANEXO II

### Questionário aplicado na Pesquisa

EMEF CHAPÉU DO SOL

EJA – PROJETO 1º SEMESTRE 2011 – IDENTIDADE

1. ( ) Masculino ( ) Feminino
2. Idade \_\_\_\_\_
3. Data de nascimento \_\_\_\_\_
4. Cidade onde nasceu \_\_\_\_\_
5. Em que bairro você mora? \_\_\_\_\_
6. Há quanto tempo você mora nesse local? \_\_\_\_\_
7. Estado civil:  
( ) Solteiro ( ) Casado/União estável ( ) Divorciado/Separado ( ) Viúvo(a)
8. Você tem filhos? \_\_\_\_\_
9. Quanto tempo você leva para chegar à escola? \_\_\_\_\_
10. Como você vem para a escola? \_\_\_\_\_
11. Com quem você mora? \_\_\_\_\_
12. Há alguém com problema de saúde em sua casa? \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_
13. Você tem animais de estimação? \_\_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_\_ Quais? \_\_\_\_\_
14. Você realiza alguma atividade que gere renda? \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_ Desde que idade? \_\_\_\_\_
15. Que habilidades profissionais você tem? \_\_\_\_\_
16. Tempo sem estudar: \_\_\_\_\_ Série em que parou: \_\_\_\_\_ Série atual \_\_\_\_\_
17. Em que profissão você pretende atuar? \_\_\_\_\_
18. A que horas você inicia suas atividades diárias? \_\_\_\_\_
19. A que horas encerra suas atividades diárias? \_\_\_\_\_
20. Com que frequência você vai a:
 

( ) Bailes	( ) Bares	( ) Igreja
( ) Cinema	( ) Teatro	( ) Shows
( ) Shopping	( ) Outro? Qual?	
21. Participa de algum grupo?
 

( ) Associação de Moradores	( ) Escola de Samba	( ) Sindicato
( ) Partido Político	( ) Time	( ) Grupo de Dança
( ) Grupo Religioso	( ) Grupo de Jovens	( ) Centro
( ) Comunitário	( ) Clube de Mães	( ) Outro? Qual?
22. Tem alguma religião? Qual? \_\_\_\_\_
23. O que você gosta de assistir na televisão? \_\_\_\_\_ Quais seus programas favoritos? \_\_\_\_\_
24. Você assistiu a filmes em casa? \_\_\_\_\_
25. Que tipo de filme gosta de assistir:
 

( ) Comédia	( ) Romance	( ) Terror	( ) Ação
-------------	-------------	------------	----------
26. Que tipo de música você gosta de ouvir/dançar? \_\_\_\_\_
27. Você tem acesso à tecnologia? ( ) computador ( ) celular ( ) DVD ( ) MP3 ( ) outros
28. Você participa de alguma rede social? ( ) MSN ( ) Orkut ( ) twitter ( ) facebook ( ) outros
29. Você gosta de ler? \_\_\_\_\_ Que tipo de leitura? \_\_\_\_\_
30. Você janta na escola? \_\_\_\_\_ Qual a frequência? \_\_\_\_\_
31. O que você geralmente faz no seu tempo livre? \_\_\_\_\_
32. Qual seu esporte favorito? \_\_\_\_\_ Você pratica algum esporte? \_\_\_\_\_
33. Que palavras melhor descrevem sua personalidade? \_\_\_\_\_
34. O que você considera mais importante na sua vida? \_\_\_\_\_
35. Quais as maiores dificuldades que você encontra no seu dia-a-dia? \_\_\_\_\_
36. Como você acha que os outros lhe vêem?
 

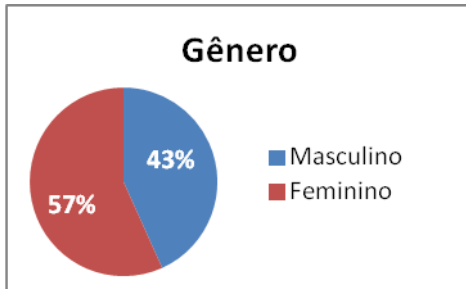
( ) Calmo	( ) Alegre	( ) Amigo	( ) Agressivo
( ) Tímido	( ) Comunicativo	( ) Outros, quais?	
37. O que você espera da EJA? \_\_\_\_\_
38. O que acha que está bom? \_\_\_\_\_
39. O que você modificaria? \_\_\_\_\_
40. Qual sua opinião sobre a Escola Chapéu do Sol? \_\_\_\_\_
41. Que pergunta(s) você gostaria de fazer aos seus professores deste ano? \_\_\_\_\_

## ANEXO III

### TABULAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPANTE

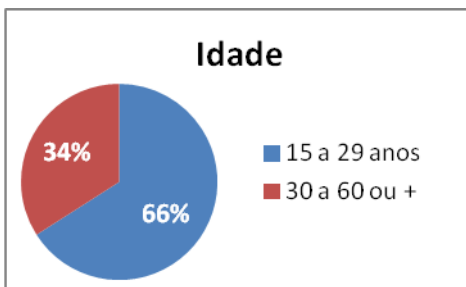
Dos 211 alunos matriculados na EJA, 97 responderam ao questionário aplicado na Escola.

#### Questão 1:

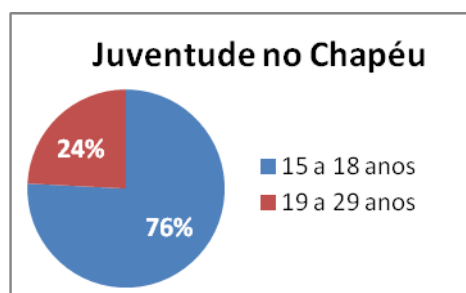


Mais da metade dos alunos da EJA são do sexo feminino.

#### Questão 2:



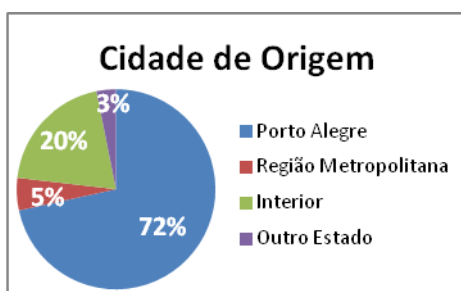
66% dos alunos que frequentam a EJA são jovens que têm idade entre 15 e 29 anos.



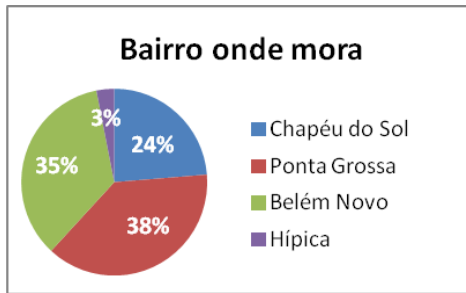
Dos jovens que frequentam a EJA, 76% são adolescentes que têm entre 15 e 18 anos de idade incompletos.

#### Questão 3 (Data de Nascimento – Dado não tabulado)

#### Questão 4



A grande maioria (72%) dos alunos que frequentam a EJA são de Porto Alegre. 20% nasceram no interior do Estado; 5% são da Região Metropolitana de Porto Alegre e apenas 3% nasceram em outros estados do Brasil.

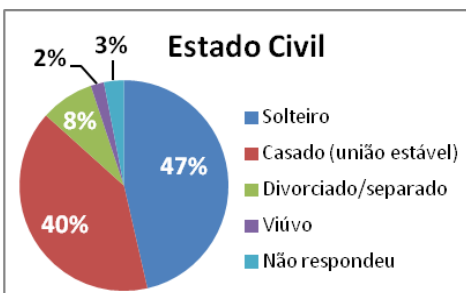
**Questão 5**

A maioria dos alunos da EJA são moradores dos bairros Ponta Grossa (38%) e Belém Novo (35%). Os outros 24% e 3% moram no Chapéu do Sol e Hípica, respectivamente.

**Questão 6**

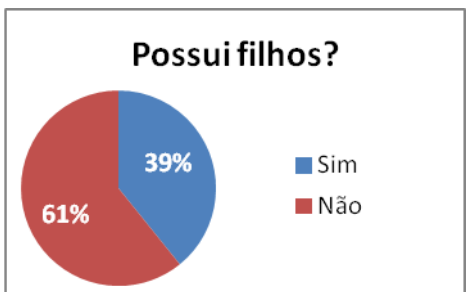
Apenas 5% dos alunos moram nos locais indicados desde que nasceram. 27% dos alunos vivem a mais de 10 anos nos locais onde moram. 11% já vivem onde moram de 6 a 10 anos e, 28%, fazem apenas cinco anos que moram nos bairros indicados na questão anterior.

29% dos entrevistados não responderam à questão.

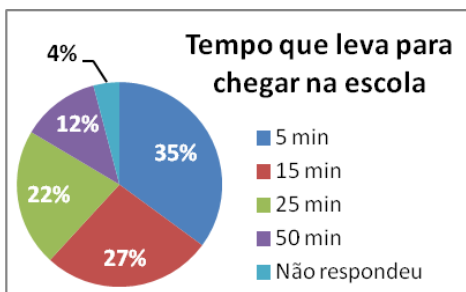
**Questão 7**

47% dos alunos dizem-se solteiros e, 40%, afirmam possuir uma união estável. 8% são divorciados e apenas 2% são viúvos.

3% dos alunos não responderam à questão.

**Questão 8**

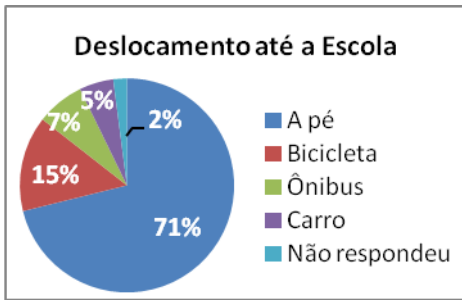
61% dos alunos não possuem filhos e 39% dizem que sim.

**Questão 9**

A maioria dos alunos (35%) leva em torno de 5 minutos para chegar na escola. 27% e 22% dos alunos dizem que levam de 15 a 25 minutos, respectivamente, e 13% deles demoram até 50 minutos para chegar até a escola.

Apenas 3% dos alunos não responderam à questão.

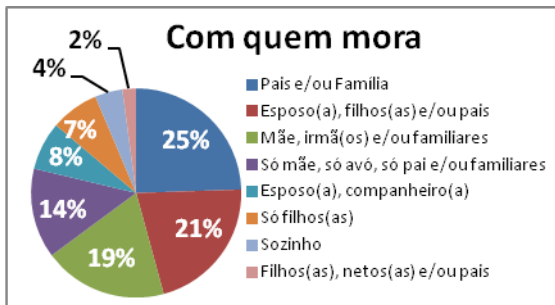
**Questão 10**



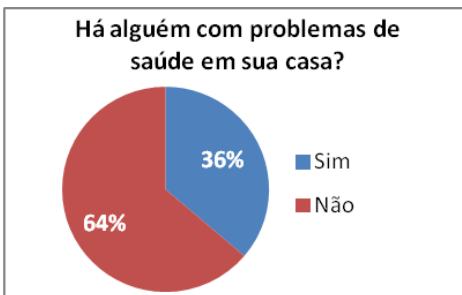
A grande maioria dos alunos da EJA vai à escola a pé (71%). Os demais vão de bicicleta (15%); de ônibus (7%) e, de carro, (5%).

Apenas 2% não responderam à questão.

**Questão 11**



**Questão 12**



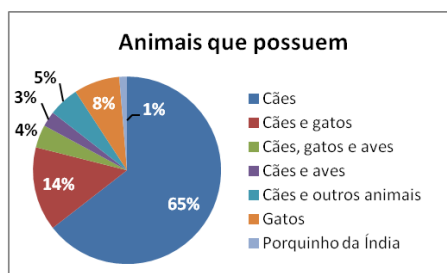
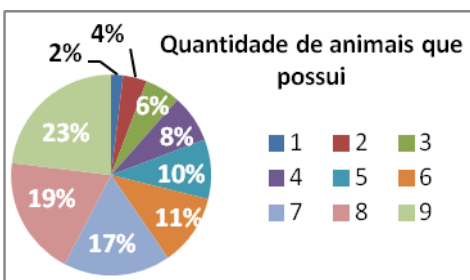
Mais da metade dos alunos diz não possuir problemas de saúde na família.

**Questão 13**



A grande maioria dos alunos da EJA possui animal de estimação (78%) e, apenas 22%, afirmam não possuírem.

Daqueles que possuem, o número elevado de animais é expressivo. Geralmente têm cães, gatos e aves.



### Questão 14



50% dos alunos da EJA dizem desenvolver algum tipo de atividade que gera renda e 37% dizem que não.

13% dos alunos não responderam à questão.

### Questão 15

Habilidades profissionais que possui	
Não respondeu	22
Serviços gerais (babá; camareira; carpinteiro; diarista; faxineira;	21
Nenhuma	12
Mecânica (aplicador de insulfime; borracheiro; polidor; lavador e pintor de carro; montador de bicicleta)	10
Comércio (auxiliar de caixa; balconista; crediário; empacotador; vendedor)	10
Gastronomia (auxiliar de cozinha; cozinheira)	7
Doméstica (do lar)	6
Artesanato (biscuit; crochê; tricô)	5
Construção Civil (Pedreiro)	4
Saúde e Beleza (manicure; massoterapeuta; aplicador de injeção)	4
Transporte	3
Outras (secretária; dança; decoradora)	3
Computação	2
Segurança (vigilante; segurança)	2
Agricultura (lavoura; granja)	2
Várias	2
Algumas	1
Todas	1

### Questão 16

Tempo sem estudar	
Não respondeu	23
Nenhum/Nunca parou	13
Há algumas semanas	1
Há alguns meses	4
Há 1 ano	9
De 2 a 5 anos	9
De 6 a 10 anos	7
De 11 a 20 anos	11
De 21 a 30 anos	7
Há mais de 40 anos	3
Nunca estudou	6

Série em que parou	
Não respondeu	20
5ª série	10
4ª série	9
7ª série	9
8ª série	8
6ª série	7
3ª série	5
Não parou	2
1ª série	2
2ª série	1

Série/Ano/Etapa atual	
T1	5
T2	8
T3	12
T4	12
T5	5
T6	1
Ensino Médio	9
Jardim	1
6ª e 7ª	16
8ª	13
Não respondeu	15

**Questão 17**

Profissão pretendida		
<b>Saúde</b>	<b>Serviços Gerais</b>	<b>Serviço Público</b>
Área da saúde	Motorista	Concurso público
Enfermagem	Babá	Bombeiro
Médico(a)	Carpinteiro/Marcenaria	Brigadiano(a)
Atendente de farmácia	Eletricista	Militar
Nutrição	Merendeira escolar	Policial/Policial militar
Técnico(a) em enfermagem	Pintor	
<b>Cursos Superiores</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Cursos Técnicos</b>
Professor(a) (diversas áreas)	Jogador de futebol	Mecânico
Administração	Dançarino	Computação/Informática
Advogado(a)	Modelo	Curso Técnico
Assistência Social		Técnico(a) em informática
Contabilidade	<b>Comércio</b>	Torneiro mecânico
Educação Física	Credciário	
Juíza	Mascate	<b>Mecânica</b>
Pedagogia		Aplicador de insulfime
Veterinária	<b>Gastronomia</b>	Engenheiro automotivo
Web Designer	Chefe de cozinha	Engenheiro de aviação
	Confeiteiro	
<b>Construção Civil</b>		<b>Banco</b>
Pedreiro	<b>Segurança</b>	<b>Administrativo</b>

**Questão 18**

Hora de início das atividades diárias (Dados não tabulados)

**Questão 19**

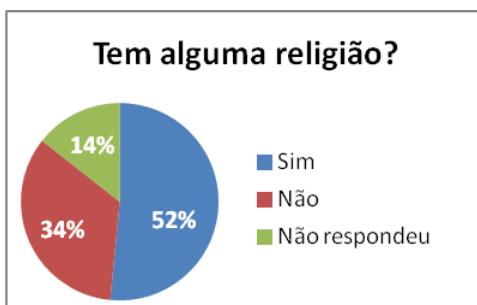
Hora de encerramento das atividades diárias (Dados não tabulados)

**Questão 20**

Você vai à:		Com que frequência?
Bailes	43	Raramente; Às vezes; De 1 a 2 vezes ao mês; Aos sábados; Nos finais de semana; 2 vezes por semana; Sempre; Bastante
Igreja	34	De vez em quando; Aos domingos; De 1 a 3 vezes por semana.
Shopping	33	Às vezes; 1 vez por semana; Toda semana; Regularmente; Aos domingos; Aos finais de semana.
Bares	25	Às vezes; 2 vezes por semana; 6 vezes por semana; Bastante; Todos os dias; Sempre.
Cinema	23	2 vezes ao ano; Às vezes; 1 vez por mês; Aos domingos; De 1 a 3 vezes por semana;
Shows	10	Às vezes; A cada 2 meses; 1 vez por mês; Bastante
Teatro	6	2 vezes ao ano.
Outros (mercado, futebol)	5	Todas as semanas
Litoral	1	Periodicamente

**Questão 21**

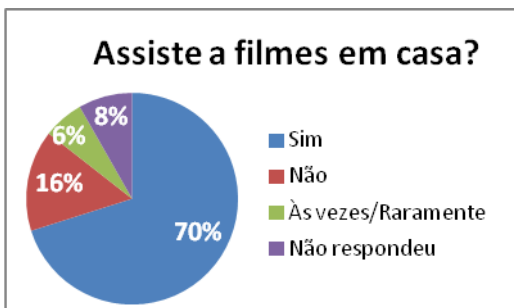
Participa de algum grupo?			
Não respondeu	42	Sindicato	3
Time	9	Outro	3
Grupo de jovens	9	Clube de Mães	2
Não	8	Partido político	1
Associação de Moradores	5	Religioso	1
Centro Comunitário	5	Academia	1
Escola de Samba	4	Grupo de Amigos	1
Grupo de dança	4		

**Questão 22**

Qual?			
Não respondeu	31	Só crê em Deus	2
Católica	20	Ateu	2
Não	15	Luterana	1
Evangélica	12	Espírita	1
Cristã(o)	4	Mórmom	1
Umbanda	4	Protestante	1
Batuque	3	Centro religioso	1

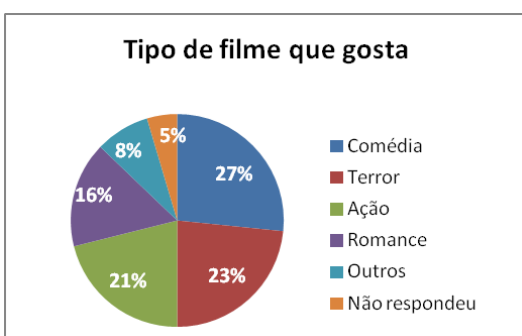
**Questão 23**

O que assiste na televisão? Programas favoritos (Dados não tabulados)

**Questão 24**

A grande maioria (70%) dos alunos assiste a filmes em casa e 16% afirmam não assistir. 6% disse assistir às vezes e/ou raramente.

8% não respondeu.

**Questão 25**

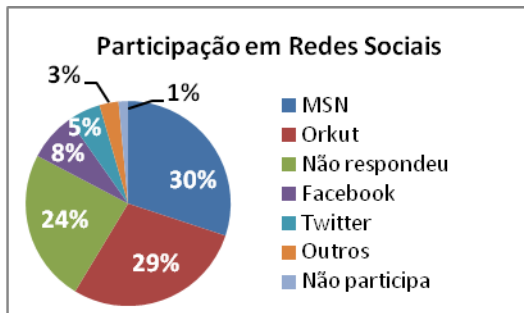
### Questão 26

Tipo de música que gosta de ouvir			
Funk	21	Dancing	4
Pagode	21	Romântica	4
Sertaneja	17	Rock	4
Todas	11	Gauchesca	3
Hip Hop	6	Não respondeu	6

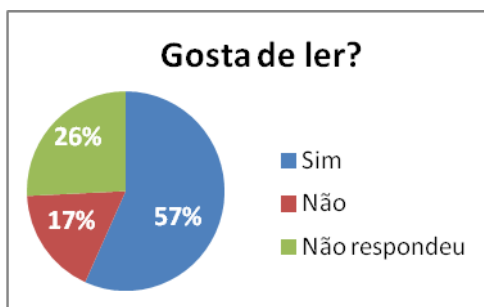
### Questão 27

Tem acesso à tecnologia?	
Celular	75
DVD	65
Computador	53
MP3	36
Não respondeu	9

### Questão 28



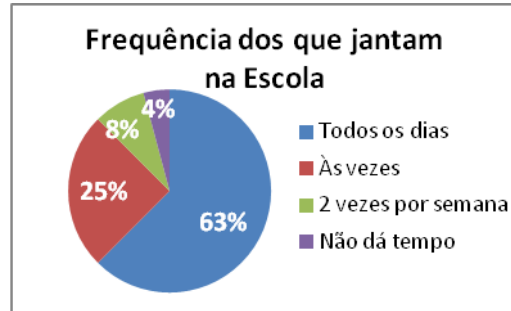
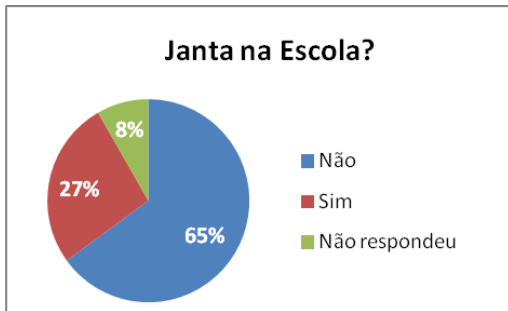
### Questão 29



Estilo Literário			
Não respondeu	28	Fantasia	1
Romance	17	Ficção	1
Poemas/Poesias	6	História	1
HQ	5	Livros infantis	1
Espírita	3	Piadas	1
Jornais e revistas	3	Policia	1
Vários/Todos	3	Revistas religiosas	1
Auto-ajuda	2	Textos em geral	1
Livros	2	Estou aprendendo a ler	1
Clássicos	1	Revistas religiosas	1
Contos de fadas	1		



### Questão 30



### Questão 31

O que faz no tempo livre?			
Não respondeu	13	Dança	2
Assisto TV/Filmes	11	Jogo video game	2
Descanço/Durmo	11	Namoro	2
Leio/Estudo/Escreve no diário	11	Tomo chimarrão	2
Não faço nada	10	Ando a cavalo	1
Vejo a família/Visito parentes/Converso com amigos	10	Artesanato	1
Caminho/Ando de bicicleta/Skate/Academia	7	Cuido da horta	1
Saio/Passoio/Vou a parques	6	Fumo	1
Computador/Internet/LanHouse	5	Jogo futebol	1
Serviços domésticos	4	Mexo na moto	1
Fico em casa/Faço churrasco	3	Pesco	1
Ouçoo música	3	Viajo	1

### Questão 32

Esporte favorito					
Futebol	38	Academia	1	Handbol	1
Vôlei	19	Andar a cavalo	1	Kildô	1
Não respondeu	18	Basquete	1	Montonbike	1
Caminhada	4	Corrida	1	Remo	1
Nenhum	4	Descansar	1	Todos	1
Dança	2	Golf	1	Vídeo game	1
Tênis	2				



### Questão 33

Personalidade (Como sou?)							
Não respondeu	29	Solidário	3	Determinada	1	Objetiva	1
Alegre	8	Divertido	2	Diferente	1	Observadora	1
Amigo(a)	7	Feliz	2	Esforçado	1	Pacífico	1
Tímido	6	Prestativo	2	Estudioso	1	Paciente	1
Simpático	5	Tranquilo	2	Extrovertido	1	Participativo	1
Sincero	5	Amável	1	Fofa	1	Pastor	1
Calmo	3	Apático	1	Generoso	1	Possessiva	1
Forte	3	Bondoso	1	Gentil	1	Sério	1
Legal	3	Carinhoso	1	Humilde	1	Trabalhador	1
Quieto	3	Comunicativo	1	Não sabe	1	Vagabundo	1

**Questão 34**

O que é mais importante na sua vida?			
Família	38	Amigos	2
Filhos(as), netos(as)	18	Esposo(a)	2
Mãe	12	Ajudar o próximo	1
Não respondeu	12	Cultura	1
Amor; Felicidade; Paz; Harmonia; Respeito	9	Escola	1
Deus	5	Estar vivo	1
Estudo	5	Gostar de mim mesmo	1
Irmão(s)	4	Meu caráter	1
Saúde	3	Meu futuro	1
Trabalho	3	Meu orgulho	1

**Questão 35**

Dificuldades encontradas no dia-a-dia			
Não respondeu	22	Escrever	1
Nenhuma	18	Estudar à noite	1
No Trabalho/trabalho pesado	8	Falta de tempo	1
Acordar cedo	4	Fazer amigos	1
Não saber ler	4	Ir para o trabalho com chuva	1
Ônibus lotado/transporte público	3	Mau humor e falta de educação das pessoas	1
Problemas de saúde	3	Morar longe (distância)	1
Muitas coisas	3	Não sabe	1
Cansaço/Sono/Stress	2	Não ver o pai	1
Deixar filhos para trabalhar	2	Poucas	1
Falta de trabalho/de oportunidades	4	Preconceito	1
Paz e tranquilidade	2	Realizar tarefas da escola em casa	1
Relacionamento com filho(s) adolescente(s)	2	Rotina	1
Alcoolismo	1	Sempre tem alguma	1
As de sempre	1	Sobrevivência	1
Caminhar	1	Tarefas domésticas	1
Comunicação	1	Timidez	1
Curso	1	Ver as pessoas se drogando	1

**Questão 36**

Como acha que os outros lhe vêem?			
Alegre	54	Chato	3
Calmo	44	Triste	1
Amigo	44	Nervoso	1
Tímido	27	Mais ou menos bonito	1
Comunicativo	26	Desenfreado	1
Agressivo	7	Brabo	1
Não respondeu	6		

**Questão 37**

O que espera da EJA?			
Estudar/Aprender mais	17	Mais professores	2
Não respondeu	14	Nada	2
Concluir os estudos	12	Que o E.M. continue	2
Passar de ano	9	Atingir metas	1
Futuro melhor	7	Educação melhor para todos	1
Ler e escrever	5	Mais compreensão com o E.M.	1
Melhorias	4	Mais oportunidade para outras turmas	1
Oportunidade (qualificação; aprendizado)	4	Mais turmas do E.M.	1
Mais atenção, compreensão e paciência	3	Não sabe	1
Muitas coisas	3	Progredir	1
Tudo	3	Que a EJA continue	1
Tudo de bom	2	Ser amigo de todos	1
Aulas melhores	2	Ser um bom aluno	1
Certificação no E.M.	2	Terminar o ano letivo	1
Continuar como está	2		

**Questão 38**

O que está bom na escola?			
Tudo/Tudo ótimo	28	Não sabe	2
Não respondeu	24	Escola	1
Aulas/conteúdos	16	Estudos	1
Professores(as)	13	Internet	1
Colegas/amigos	3	Não ter aula na sexta	1
Horário	3	Número reduzido de alunos nas turmas	1
Forma de ensinar	2	Organização	1
Atenção	2	Salas	1
Direção	2	Ter voltado a estudar	1
Não tem o que reclamar	2	Tranquilidade	1

**Questão 39**

O que você modificaria na Escola?			
Nada/Gosto muito	28	Estacionamento	1
Não respondeu	23	Horário de saída	1
Alguma disciplina/professor	9	Mais comunicação por parte da direção atual	1
Mau comportamento (principalmente da gurizada)	9	Mais diálogo por parte da coordenação	1
Recreio	6	Mais horas de aula	1
Mundo	3	Mais reforço	1
Mais atenção com o E.M.	2	Meus amigos	1
Abertura do E.M. para os outros alunos	1	Minhas atitudes	1
Mais turmas de E.M.	1	Não sabe	1
Melhorar a relação com E.M.	1	Preciso avaliar, sou nova na escola	1
A direção	1	Salário, mais trabalho, mais educação	1
A comida	1	Segurança	1
As leituras	1		

**Questão 40**

Opinião sobre a escola			
Boa	30	Desorganizada	1
Muito boa	16	É segura	1
Não respondeu	12	Gosta dela	1
Legal	8	Liberal	1
Ótima	6	Limpa	1
Tudo de bom	5	Lugar sossegado	1
Nenhuma	5	É a melhor escola	1
Precisa melhorar	4	Muito legal	1
Está conhecendo	2	Normal	1
Nada a declarar	2	Pequena	1
Pouca segurança	2	Razoável	1
Acolhedora	1		

**Questão 41**

Perguntas que gostariam de fazer aos professores			
Não responderam	25	Sou uma boa aluna?	1
Nenhuma	19	Que venham melhores aulas...	1
Vou passar de ano?	18	O que vocês gostariam de mudar no nosso comportamento?	1
Como eu estou? Como está minha evolução?	6	Vocês são felizes?	1
Até que ponto vocês estão apoiando o E.M.	2	Adoro Vocês...	1
Qual a opinião de vocês em relação a nossa situação (E.M.)?	2	Me ajudem!	1
O que os professores acham do E.M. na escola?	2	O que você acha de mim?	1
Quantos anos você tem?	2	Vamos fazer gincanas, excursões?	1
Você gosta de dar aula para nós?	2	Porque não comunicam a troca de períodos?	1
Como conseguem ter paciência para dar aula?	2	O que vocês pensam dos nossos futuros?	1
O que te levou a ser um professor?	2	Como é dar aula para adultos?	1
Vocês gostam de nós?	1	Por que vocês escolheram esta escola?	1
Como você vive no dia-a-dia?	1	O que vocês sentem quando entram na aula?	1
Você me acha interessado(a) nos estudos?	1	Quando vão começar coisas da oitava série?	1
Nem sei...	1	O professor de matemática e geografia vão melhorar?	1

## ANEXO IV

APRENDIZAGEM ESCOLAR 2011	
EM RELAÇÃO AOS ALUNOS	
Aspectos positivos	Aspectos a serem melhorados
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ter educação com todos alunos.</li> <li>2. Pedir para os alunos ficarem sem fazer bagunça na sala de aula e pedir para o professor explicar mais de uma vez a matéria.</li> <li>3. O conhecimento é bom e eu conheço bastante alunos.</li> <li>4. Ter educação com todos os alunos e os professores.</li> <li>5. Aprender as matérias.</li> <li>6. + ou - a relação. Muita conversa e não dá pra copiar direito.</li> <li>7. Responsabilidade de "alguns" alunos nem todos tem...</li> <li>8. Estudando e amizade.</li> <li>9. Quando os alunos não estam no dia muito legal.</li> <li>10. Aprendem fácil. Prestar mais atenção.</li> <li>11. O respeito e a azade.</li> <li>12. Recreios mais longos. Os banheiros abertos.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tinha que ser um dia de cada matéria.</li> <li>2. É para que todos colaborem BA escola fazendo a sua parte para que nunca ficamos 100 aula.</li> <li>3. Melhora a convivência entre ums alunos e outros.</li> <li>4. Horário de ir embora as 10:00 e não as 10:30.</li> <li>5. Fica queto nas aulas.</li> <li>6. Quando bate tem que estar na porta pq quando bate nós esperamos minutos e minutos.</li> <li>7. Diminuir a conversa pois tem alunos que não conseguem entender devido a ela.</li> <li>8. E quando os alunos de seres melhorados para a nosa escola.</li> <li>9. Os alunos que fiquem na sala na troca de períodos.</li> <li>10. Os professores. Aula na sexta.</li> </ol>
EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES	
Aspectos positivos	Aspectos a serem melhorados
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tem alguns professores que são educados.</li> <li>2. Fazer amizade, aprender, fazer os trabalhos em grupos, e ter aula de segunda a sexta.</li> <li>3. Sempre eu aprendo bastante com os professores e com suas matérias.</li> <li>4. Serem mais calmos antes de chingar alguém.</li> <li>5. Ter mais educação física.</li> <li>6. Eu acho que está bom o ensino.</li> <li>7. Eu acho que esta bom o modo de ensino.</li> <li>8. Os professores são muito nervosos ou gando eles estam com pesando positivo.</li> <li>9. Calma e respeito.</li> <li>10. O respeito com os alunos.</li> <li>11. Fissica é as matérias</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Terem mais pacencia com os alunos mais burros.</li> <li>2. Fechar a quadra (em cima). E pedir o guarda vir sembre, e separar os fumantes dos não fumantes na hora do recreio.</li> <li>3. Os professores ter mais autoridade dentro da sala.</li> <li>4. Ter mais educação física.</li> <li>5. Professor de giografia esplica as matérias.</li> <li>6. Mas tem que melhorar mais um pouco. Menos conversa e mais estudo.</li> <li>7. Mas pode melhorar pois tem professores muito rápidos. Fora isso esta tudo bom... mais exercicio menos texto (Historia). Ta boa a aula mas pode revisar mais os exercicios. (Matematica).</li> <li>8. Os professores são buito melhores quando eles querem melhoras.</li> <li>9. A explicação.</li> <li>10. O recreio tem que mais tempo.</li> <li>11. Trocar de salas nos perildo.</li> </ol>

**ANEXO V****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto: Adolescência na EJA – Desafios e Possibilidades

Pesquisador responsável: Jaqueline Alves

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do referido projeto de pesquisa, de responsabilidade do citado pesquisador.

Nestas circunstâncias, serão informados em linguagem acessível os seguintes itens:

- Descrição detalhada dos métodos de pesquisa e riscos associados.
- Benefícios esperados.
- Explicação de como o voluntário deve proceder para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- Esclarecimento que a participação é *voluntária* e que este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos.
- Garantia da confidencialidade das informações geradas e da privacidade do sujeito da pesquisa.
- Uso de imagem sem prejuízo moral.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima citado.

Porto Alegre, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_